# Stadium

S. LORENZO DE ALMAGRO-B. S. B. — Uma boa defesa de Capela, sob as vistas de Feliciano e de Pontoni, um avançado que maravilhou o nosso publico

*N.º 218*
5 DE FEVEREIRO DE 1947
REVISTA DESPORTIVA
2$50

# Os mestres do futebol argentino venceram em Portugal

Depois da digressão dos argentinos do S. Lourenço de Almagro por toda a Espanha — desafios em Madrid, Barcelona, Bilbao, Valência e Corunha — a sua visita a Portugal era ansiosamente aguardada. Esta foi possível, no entanto, pela utilização do feriado de 31 de Janeiro para o Campeonato Nacional, e a cedência federativa de um domingo.

Nem podia ser de outra maneira, dado a despesa da semelhante organização. Tanto no Porto como em Lisboa, os argentinos receberam, liquidos, não contando as despesas, a bagatela de 30.000 pesos, ou sejam 150 contos em moeda portuguesa. Bem o mereciam, os mestres argentinos! O seu jogo veio revolucionar o futebol da Península, despertando a atenção de todos para o treino e a preparação dos jogadores, a qual não deverá começar quando os praticantes entram para os clubes, mas numa idade menos avançada.

Por curiosidade, damos a resenha dos resultados conseguidos pelo S. Lourenço de Almagro em Espanha e Portugal.

Contra o Atlético Aviação: 4-1 a favor; contra o Real Madrid, 4-1 contra; contra o Atlético de Bilbao, 2-2; contra o Valência, 1-1; contra o Desportivo da Corunha, reforçado, 0-0; contra o Combinado espanhol em Barcelona, 7-5 a favor; contra o Combinado espanhol em Madrid, 6-1 a favor; contra o F. C. do Porto, 9-4 a favor; e finalmente contra o Misto B. S. B., 10-4 a seu favor.

Os números mostram que não se trata de uma equipa invencível, embora o seu jogo seja do melhor quilate. Superior aos algarismos há, no entanto, que ver o futebol argentino como deve ser visto...

Em conversa com um dos seus dirigentes, ele referiu-nos os cuidados de que se revestia, na sua terra, o recrutamento dos jogadores. Novos ainda, e sob a vigilância médica, os jogadores são experimentados, e aquele que não mostrar vocação para o jogo da bola, no que respeita a domínio, será implacàvelmente posto à margem. Cada clube tem, há muito tempo, o preparador físico e o instrutor técnico. E' possível, desta maneira, em regime puro de profissionalismo, bem renumerado, conseguir verdadeiros *jongleurs*, homens que, individualmente considerados, são unidades perfeitas e que mexem na bola com uma facilidade incrível e um comando absoluto. Como os *teams* são, no fundo, aglomerados de indivíduos, compreende-se perfeitamente o que seja este S. Lourenço de Almagro, grupo mágico que consegue esta coisa espantosa: hipnotizar o adversário.

Vimo-lo jogar três vezes: em Madrid, no Porto e em Lisboa. Em qualquer destes pontos revelando o mesmo jogo, e fazendo do inimigo gato-sapato. Com um poder, domínio e velocidade tão diabólicos que, caso curioso, os seus adversários deram a sensação de se meter no jogo argentino como complemento indispensável para o brilho do seu futebol.

Acentuamos que uma das bases do seu êxito reside no domínio da bola por parte de todos os jogadores. Com estes elementos quase que não são necessárias tácticas, embora os sãolourenços adoptem o *jogo de posição* moderno, como bons científicos. De posse da bola, os almagros livram-se e dominam o adversário com verdadeira arte, como se trabalhassem no Coliseu. E fazem tudo isto ràpidamente, chegando depressa à area das redes.

Quer dizer, com a bola nos pés são terríveis, e é muito difícil tirar-lha. O balão pertence-lhes, inteiramente. A gente assiste, embasbacado, aos mais estranhos e fantasistas *driblings*. Já sem a bola nos pés são menos perfeitos, ainda que cortem bem as passagens e se coloquem magnìficamente. Sempre nos convencemos que a superioridade está do lado de quem tem a bola em seu poder, e daí a enorme vantagem de um trunfo que se chama antecipação.

Mas de outra arma de terrível efeito dispõem os argentinos, e essa é a chamada passagem da bola. O passe, com qualquer dos pés, e com qualquer parte dos pés, de dentro, de fora, ou mesmo de bico, ou ainda de calcanhar, é feito com uma precisão inexcedível, verdadeiramente a tira-linhas, tornando ineficaz a intervenção de quem o pretende cortar. Há só uma fórmula de o combater: é o adversário não se pôr a meio-caminho, mas muito perto do jogador argentino, e cada um, teimosamente, a seu homem. Escusado será dizer que não aplicamos esta teoria na prática.

O passe é sempre bem executado. Quer dizer, encontrando um companheiro no fim do trajecto que, amortecendo o esférico ou dominando-o instantaneamente, se serve dele com mestria. Raramente vimos, nos três encontros citados, uma passagem não encontrar uma unidade colocada. Ora, isto sòmente se consegue com treinos aturados e havendo um conhecimento perfeito de unidade para unidade. Não foi por acaso, certamente, que os almagros venceram o Campeonato da Argentina.

Ordinàriamente, o passe argentino é curto e rasteiro, fazendo rolar a bola sobre a relva. Talvez pela imperiosa necessidade da precisão. Mas também de quando em quando a passagem larga, dando novo rumo ao jogo, não deixa de ser utilizada.

Já acentuámos que estas armas, domínio de bola e riqueza de passe, não excluem a marcação no aspecto defensivo. Os sãolourenços adoptam o *jogo de posição* mecanizado no nosso Belenenses, e outra equipa argentina, o River Plate, a fórmula do Benfica. Talvez não dêem tanto a impressão, como os nossos dão, de estarem de sentinela. Mas o sistema existe e é aplicado. Isso deriva ainda do seu domínio de bola, o fulcro à volta do que tudo gravita no futebol argentino, e, vamos lá!, no futebol de todas as castas.

Os sãolourenços executam todas as jogadas no ar mais fácil deste mundo. Dá na verdade a impressão de que não custa fazer uma coisa aparentemente tão simples... Por isso mesmo, o seu futebol, apesar de gracioso e artístico, não faz vibrar e não emociona. Deixa-nos frios como as pedras da calçada. Podemos tomar como exemplo os seus *goals*, que são, afinal, mais um passe à boca das balizas, deixando, quantas vezes, os guarda-redes estáticos. Em contra-partida, o *goal* à portuguesa ou à espanhola, bem aplicado, em cheio, com a barriga do pé, domina o rectângulo e a assistência.

Trata-se de um futebol, portanto, inteiramente diferente! Tudo quanto há de bravura, de dureza e de palpitação no jogo português não existe nestes amestrados representantes da Argentina. Poder-se-á objectar que, para jogar bem à bola, não se torna necessário andar à patada dentro do campo. Inteiramente de acordo. Todavia, temos de tomar em conta que semelhante espécie de jogos é diferente da competição; que, nesta, há mais dureza porque a luta se apresenta necessàriamente mais dura e difícil. José Maria, um atleta do Sporting e bom apreciador do jogo, que viu os argentinos várias vezes em acção na América do Sul, não esconde que eles tambem jogam, ou sabem jogar, muito duro, não tendo o direito de se carpirem a qualquer encosto. De resto, o futebol é um jogo atlético, forte e viril, em que a força muscular desempenha um grande papel. Os portugueses foram, nos dois

## SEPARATA

**No próximo número, de 12 do corrente, damos a SEPARATA A CORES da EQUIPA NACIONAL vencedora da Espanha.**

**Todos os pedidos devem ser dirigidos à nossa Administração até ao dia 10.**

*Feliciano, o nosso magnífico defesa, e ao longe vê-se Amaro, no desarme de um argentino. Nem sempre estes levaram a melhor!*

*Os dianteiros argentinos esgueiravam-se fàcilmente o caminho das redes! Os defesas tinham dificuldade de chegar a tempo de parar o remate, que partia certeiro e colocado...*

encontros, de uma correcção exemplar, coibindo-se por vezes do emprego regulamentar do corpo, o que é levar a gentileza muito longe. Eis como carecterizamos os almagros, a maravilha do domínio de bola, e do passe impecável e precisc. Mas para tal é preciso diminuir o Futebol Português.

No Estádio do Lima, apesar de um feriado não-respeitado por todo o comércio e da alta dos bilhetes — quando se supôs que uma *central* poderia custar, entre nós, 150 escudos? — acorreu muita gente, e o espectáculo teve momentos de despique e de beleza, no confronto entre dois estilos futebolísticos.

O Porto alinhou: Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Gomes da Costa e Catolino.

S. Lourenço formou: Blazina, Vanzini, Basso, Zubieta, Grecco, Colombo, Imbellone, Farro, Pontoni, Martino e Silva.

Os portuenses marcaram em primeiro lugar, e logo de começo, por Lourenço. Logo Pontoni, dois minutos depois, conseguiu o empate. Voltou Lourenço, aos 20 minutos, a marcar pela segunda vez, e logo, novamente, dois minutos depois, Silva estabeleceu a igualdade. O intervalo chegou com 3-2 a favor do Almagro.

No recomeço, Martino aumentou os números com dois tentos. Lourenço, um bom marcador, reduziu para 5-3 a diferença.

Os argentinos prosseguiram na faina. Martino, Allarcon e Farro marcaram *goals*. Correia Dias fez o 4.º, do Porto. E Aballey fixou o resultado em 9 4.

Certamente, a superioridade pertenceu aos argentinos, que impuseram o seu futebol. Os números são significativos. Seria exagerado, no entanto, concluir que o jogo foi exclusivamente sua pertença. De resto, as quatro bolas portuenses constituem o melhor desmentido. Houve luta, e os portuenses portaram-se com bravura de um modo geral: um pouco baralhados na defesa, pelo que deriva do futebol argentino, destros e conscientes na linha da frente.

Por tudo quanto dizemos e ao que nos parece, devemos desculpar o visível embaraço da defesa do Porto. A outros tem sucedido e havia de suceder o mesmo... A surpresa e o inesperado confundiram os homens da defesa portuense.

Os almagros são especialmente terríveis adversários para os guarda-redes, batidos sem oportunidade de brilharem. A alguns metros, a bola parte na direcção devida, e tudo está acabado. Não há outro remédio senão desprendê la das malhas, indo-a buscar ao fundo da casa.

Deste modo, as unidades defensivas, *backs* e *halves*, estiveram longe de agradar, pese ao seu esforço voluntarioso e árduo.

Já no ataque, as coisas passaram-se de outro modo. Sob a orientação de interiores que sabem jogar, o campo do Almagro foi invadido muitas vezes, em triangulações rectilíneas e de boa colocação. O ataque portuense passou com relativa facilidade, apesar de não ter feito o futebol de ordenação que está ao seu alcance. Araújo destacou-se, Gomes da Costa está a readaptar-se, e Lourenço transformou-se no elemento mais profícuo do bloco.

Sempre que pretendemos *medir* a valia dos sãolourenços vemo-nos em sérias dificuldades. A linha dianteira é melhor do que a defesa, mas dentro desta os seus campeonatos são iguais e dentro daquela sucede o mesmo. E' difícil, por consequência, destacar um valor, e esta dificuldade é que faz no fundo a força do grupo. Pontoni, o espanhol Zubieta e Martino talvez sejam as estrelas da companhia!

Os argentinos tinham marcado para o Estádio Nacional, contra um misto dos Três Grandes, a sua segunda apresentação em Portugal. Continuaram a desempenhar o papel de tiranos, e a sua segunda vítima (não deixa isto de ser curioso!) sucumbiu ainda por um resultado mais desnivelado, dez-a-quatro. Em futebol, mormente nos desafios desta espécie, ganhar ou perder não passa de um pormenor. Assim aconteceria, se não houvesse grande semelhança entre o misto B. S. B. e a seleção Nacional, que, oito dias ant s, no mesmo estádio majestoso, conquistara o mais ambicionado triunfo do futebol português. Espanha caíra ao fim de vinte e cinco anos de desafios internacionais.

Parecia-nos intuitivo que não devia expor-se um *team* que se cobrira de glória à amargura de um desaire — possível, ante um futebol desconcertante e embriagador como o argentino. Não se viu, desta maneira, o problema e os argentinos não deixarão de explorar esta sua vitória, nem sequer reparando que a falha de uma unidade é elemento importante na afinação de um conjunto. Se se queria pôr a Selecção Nacional, devia então apresentar-se o grupo completo, e deixar dar-lhe o rumo devido e que a casta do adversário exigia. Mas não se tiveram os cuidados necessários, e a equipa desceu à relva sem estar convenientemente prevenida e exercitada na orientação a tomar no rectângulo. Estas palavras não são de censura: apenas um desabafo pelo que sofremos, e pelo que os jogadores sofreram no campo.

Ousamos, mesmo, afirmar que era possível organizar, não pondo em perigo o prestígio do nosso onze representativo, um grupo mais talhado para o fim em vista. Algumas das unidades que alinhavam, pelas suas características, estavam naturalmente contra-indicadas. Enfim, já não há remédio e que o facto sirva de lição para o futuro. Se é que tudo não esquecerá amanhã...

Misto B. S. B.: Capela, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Jesus Correia, Arsénio, Peyroteo, Travassos e Rogério. *S. Lourenço de Almagro:* Blazina, Vanzini, Grecco, Basso, Zubieta, Colombo, Imbelloni, Farro, Pontoni, Martino e Silva. O desafio começou, pràticamente, com um *goal* de Martino: uma avançada em forma sem nenhum português tocar na bola. Dois minutos decorridos, Pontoni bateu pela segunda vez Capela.

Os nossos jogadores tentam infiltrar-se, mas os argentinos já estão senhores da situação e dominam abertamente. Só aos 15 minutos se verifica a reacção portuguesa, à força de vontade e energia. Arsénio e Travassos conduzem ataques, Jesus Correia e Rogério, principalmente este, tornam-se notados. Está alguém em campo. Apesar de tudo, são os argentinos que conseguem ainda marcar, a terceira bola, devida a Martino, no toque suave como um passe e é sua característica.

Os portugueses não desanimam. Mas todos os seus ataques goram-se, e há mau remate. Peyroteo parece um pouco preso. Aos 31 minutos, Pontoni eleva para quatro o activo almagro.

A seguir a este ponto, atacamos e desenham-se bons lances. É um dos bons períodos portugueses. Travassos desfere um pontapé colossal, que a trave devolveu. De aí a pouco fazia Peyroteo, recolhendo um centro de Travassos, à boca das redes, a primeira bola. A seguir, como de propósito, o célebre Pontoni fecha a primeira parte com cinco-a-uma.

No recomeço, Vasco substitui Cardoso, e mais tarde sairia também Peyroteo, passando para o eixo Jesus Correia e ocupando a asa direita Armando Ferreira.

No mesmo estilo, aos quatro minutos, Pontoni executa mais um *goal*, o 6.º. Os visitantes revelam amplamente a sua categoria, e Martino alcança, aos 11 e 12 minutos, mais dois tentos. O volume dos tentos seriam de esmagar qualquer equipa... Mas diga-se em abono da verdade que os nossos rapazes lutaram sempre, com singular energia, conseguindo alterar o resultado de 8-1 para 8-3, com dois magníficos pontos de Rogério e Jesus Correia.

O jogo continuou a repartir-se nos dois campos, dominando a melhor classe argentina: Farro obteve o nono e o décimo *goals*, e Arsénio a quarta bola portuguesa, à nossa maneira, de um tiro.

Quando o árbitro inglês deu por findo o encontro, a maravilha argentina extasiara a assistência, a nossa equipa tinha sido um pouco incompreendida — mas o futebol português não se comportara mal. Podia ter feito mais, mas alguma coisa conseguira fazer. O S. Lourenço caracterizara-se mais uma vez pelo valor do seu formidável conjunto, servido pelos mais perfeitos dominadores de bola que jamais vimos. Esse conjunto afirma-se de modo categórico no nível semelhante de valores, a tal ponto que as estrelas, como Pontoni, não conseguem ofuscar os companheiros. Os titulares saem e entram os suplentes, e tudo continua a andar certo em campo.

**Tavares da Silva**

*(Continua na página 19)*

*Mário Rui e Morais lutam energicamente pela posse da bola. Jogada no nosso estilo...*

*Junto das balizas alcantarenses há vários jogadores da sua equipa dispostos a defender a todo o transe*

# O ATLÉTICO
# Surpreendeu
# O BENFICA

*Uma bela defesa de Correia, sob as vistas de Baptista. O alcantarense é elástico...*

CONSTITUIU um autêntico acontecimento para o nosso meio tenfstico a primeira exibição de jogadores profissionais de tenis, no nosso país. Por isso e porque os exibicionistas eram, nem mais nem menos do que Donald Budge e Bobby Riggs.

A iniciativa foi de louvar e o interesse do nosso meio desportivo chegou para demonstrar quão bem compreendido foi o arrojado empreendimento dos dirigentes da modalidade.

Só as condições do tempo é que não favoreceram os esforços da F. P. L. T. e o entusiasmo do público. E estamos certos de que, até, os dois famosos campeões suportaram forte arrelia, por terem de actuar num «court» em pessimas condições.

Para se tecerem algumas considerações à roda da actuação de Budge e Riggs é indispensável ter bem presente as condições do «court». Os esforços e canseiras para que o terreno pudesse satisfazer foram impotentes. E volvidos poucos minutos depois de terem sido batidas as primeiras bolas, o «court» assemelhava-se a terra lavrada.

# BUDGE e RIGGS não puderam revelar toda a sua classe

Ora, assim, não é possível jogar o tenis.

E se não fosse essa circunstância, que toda a assistência compreendeu claramente, teríamos de dizer que os dois célebres americanos não tinham correspondido à fama de que vinham precedidos. Depois outro factor deve ter pesado — e bem — n «balanço» da exibição: não haver qualquer interesse pelo resultado.

Neste aspecto, de interesse pelo desfecho da luta, de dispendio generoso de energia pela conquista dum bom resultado, colhemos a impressão de que os profissionais não são superiores aos amadores, quando — evidentemente — não haja qualquer outro objectivo a alcançar que não sejam os aplausos da assistência.

Esclarecido já que Budge e Riggs não puderam corresponder ao que deles se esperava, diremos, no entanto, que o primeiro patenteou uma classe superior e que o segundo se mostrou possuidor de maiores recursos físicos, que devem ter sido a principal causa da sua ascendência sobre Budge, ultimamente bem vincada.

Para quem perceba alguma coisa de tenis, não foi difícil reconhecer a técnica perfeita dum e outro. A execução dos vários golpes é de mestre, com vantagem para Donald Budge, que se mostrou melhor estilista. Talvez, por isto e porque a diferença de idades deve ter reduzido as suas possibilidades, as simpatias da assistência inclinaram-se mais para aquele que em 1946 perdeu o título de campeão do Mundo, a favor de Riggs.

Para aqueles a quem esses pormenores de técnica e táctica tiverem passado despercebidos, a exibição não agradou totalmente. A velocidade do jogo não foi de surpreender, a violência do «serviço» esteve aquem da dum serviço de Petra ou Szawost, a decisão dum ponto à custa de repetidos «drives» raríssimes vezes foi demorada. Enfim, não se viu o que se esperava. Mas, como nota importante, repetimos: não era possível fazer mais e melhor em tais condições de terreno.

D. D.

# Sobre o Portugal-Espanha

Nas vésperas do Portugal-Espanha, o presidente da Federação Portuguesa de Futebol, prof. André Navarro, acompanhado do major Gomes Marques, jantou com a equipa.

Não houve protocolo, e cada jogador tomou o lugar do costume, na sua mesa, apenas com a variante de Álvaro Cardoso, capitão da equipa, ser convidado para a mesa do presidente da Federação.

Como é natural, quase que se falou exclusivamente de futebol. O prof. André Navarro era, porventura, de todos nós, aquele que acreditava mais firmemente na vitória de Portugal.

Como nos disse, não tinha a mais leve dúvida sobre o desfecho do encontro. E lá tinha as suas razões...

Num inquérito feito aos jogadores, todos manifestaram — sinceramente — a opinião de que Portugal venceria.

Apenas o guarda-redes Barrigana opinou em contrário. Entre dezoito jogadores, houve um que não teve palpite...

Durante o estágio, o guarda-redes Capela chegou ao jantar, geralmente, uns minutos mais tarde.

Ainda por cima vinha de taxi. Estranhámos sempre as razões da demora. Mas, depois do encontro, encontrámos explicação para o facto.

Capela andava a estudar a maneira de ser feliz... em futebol!

Na cabine, um pouco antes de sairmos para o campo, dissemos algumas palavras, emocionadamente, aos jogadores. Palavras sóbrias e simples. Mas não era preciso mais para fazer compreender aos jogadores o que nos ia na alma, e para apreender, mesmo, o que se passava no seu espírito.

—Esperamos que cada um cumpra o seu dever — pronunciámos por fim.

Como todos cumpriram a promessa solene, já o sabemos...

Vários adeptos mandaram aos jogadores amuletos. O último a chegar foi dirigido ao capitão da equipa, Álvaro Cardoso, na véspera do encontro.

O amuleto foi para o campo e Serafim colocou-o atrás da nossa baliza. No fim do primeiro tempo foi buscá-lo, para lá o pôr novamente na segunda parte.

Só se ri destas superstições quem nunca esteve metido num grande acontecimento. Os nossos desafios contra a Espanha tinham qualquer coisa de misterioso, e era preciso atalhar o mal.

Quando um dia se fizer um Museu do Futebol, lá figurará, em lugar de honra, a ponta de chifre que serviu de amuleto atrás das balizas do Portugal-Espanha!

No intervalo vigiámos o estado físico dos jogadores. Se a sua moral não podia ser melhor, são sempre necessários, nestas emergências, alguns cuidados.

Solicitamente, o maçagista Manuel Marques atende a tudo, desde os tratamentos ao chá quente...

Jesus Correia sofria do estômago, e Moreira tinha dores de cabeça, chegando, mesmo, a vomitar...

No instante preciso, antes de abandonarmos o vestiário, reunimos todos os jogadores, e dissemos-lhe que, uma vez recomeçado o jogo, já não poderia haver substituições.

De aí a maior força da pergunta que íamos fazer: — Alguém se sentia sem forças suficientes para suportar o esforço da segunda parte, ainda com mais energia e maior capacidade?

No olhar de todos espelhava-se a mais firme vontade. A resposta era só uma. De aí a pouco, em pleno rectângulo, mais duas bolas asseguravam definitivamente a vitória portuguesa, escrevendo a página mais bela do nosso futebol.

Nós, os da equipa, juntámo-nos todos no mesmo lugar a ver o jogo. Como sempre, na relva, a meio do campo, do lado da Praça da Maratona.

Na segunda parte fomos para o mesmo sítio, e obrigámos cada um dos suplentes e das outras pessoas a reocuparem a mesma posição. Pelo sim, pelo não...

Tínhamos a intenção de ficar com a bola «Peyroteo» com que se disputou o encontro. Já na cabina, Cardoso, que não largava a bola, dizia-nos:

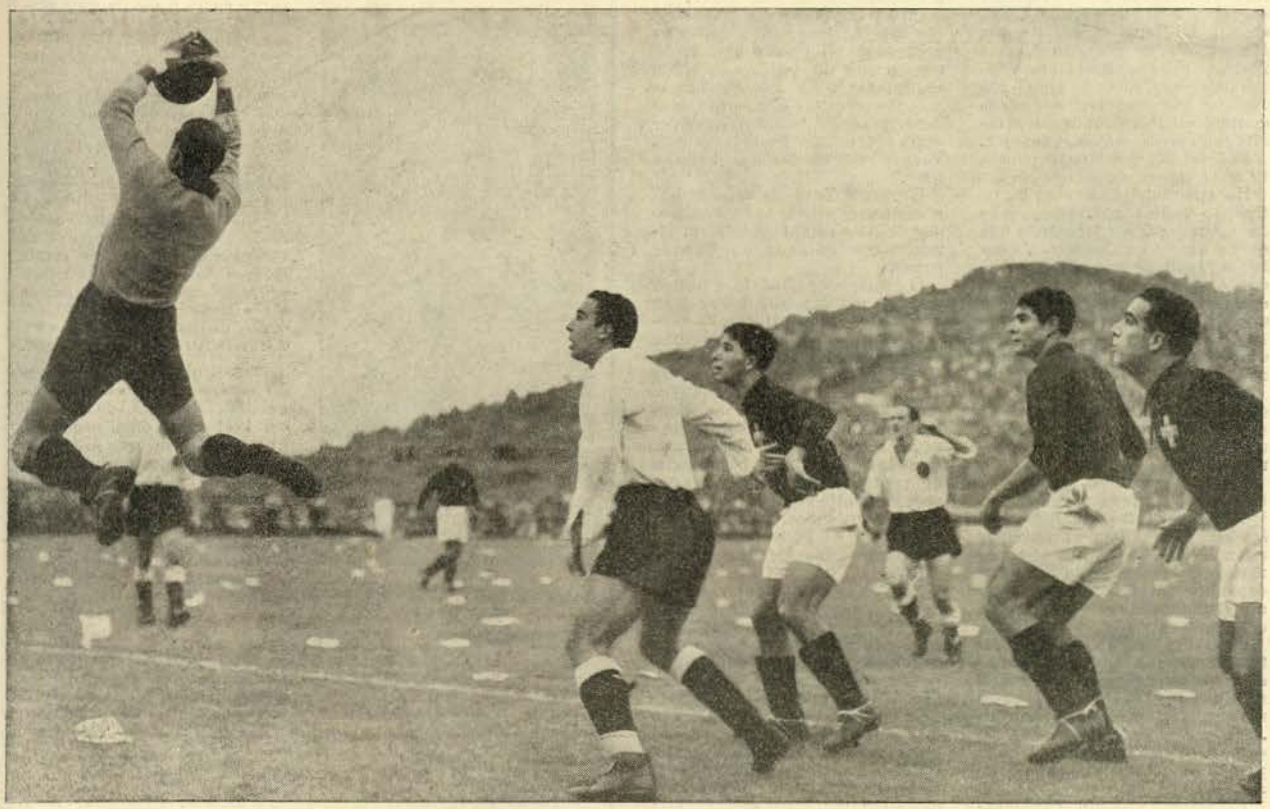
— Tenha paciência. Deixe-me ficar com a bola!

Compreendemos e anuímos. Ninguém, realmente, tinha mais direito à sua posse do que o capitão da equipa nacional.

Mas o Amaro, que é, aliás, o melhor amigo de Cardoso, também nos fez a confidência de que era sua intenção ficar com a bola, mas que o seu companheiro e amigo se tinha adiantado...

Enfim, cada componente da Selecção Nacional vai escrever o seu nome na bola com que vencemos a Espanha, e não haverá certamente troféu mais glorioso no Futebol Português!

**T. da S.**



***Um dos momentos mais emocionantes da primeira vitória de Portugal sobre a Espanha: Capela, defende, inteiramente lançado, no ar, uma bola alta. Todos os portugueses «vivem» o lance: de Amaro a Cardoso, passando por Feliciano, a ansiedade é indescritível. Tal é a decisão dos jogadores: — «venceremos desta vez...»***

# O Portugal-Espanha

## visto pela imprensa espanhola

A imprensa espanhola referia-se largamente ao Portugal-Espanha. A Lisboa deslocaram-se nada menos nada mais de quarenta críticos, principalmente de Madrid, mas também de outras cidades, os quais escreveram interessantes crónicas do grande encontro. Todos os nomes conhecidos do jornalismo espanhol, tais como Ricazi, Júlio Cueto, Eduardo Teus, Ramon Melcon, Pedro Escartin, Carlos Fuertes Peroba, Dasplazas, estiveram entre nós. E apraz-nos registar que souberam ver o encontro, ainda que cada um o tenha interpretado à sua maneira.

Pela leitura dos jornais podem tirar-se algumas conclusões:

Há unanimidade quanto à justiça da vitória portuguesa. Não há sequer um só jornalista que emita opinião contrária. Já sobre o resultado se verificam discordâncias. Enquanto que uns, desassombradamente, afirmam que a diferença a favor dos portugueses devia ser maior, um ou outro é de opinião que os números deveriam nivelar-se mais.

Sem dúvida, dizemos nós, tal unanimidade de opiniões deve-se ao jogo brilhante dos portugueses, de nítida e completa superioridade.

Sobre outro ponto, no que se refere a tácticas, todos estão igualmente conformes. Até aqueles que combatiam os sistemas ou métodos... Ou nos enganamos redondamente, ou o futebol espanhol vai fazer um esforço no sentido de retomar a rota devida.

Os críticos espanhóis manifestam a opinião de que o tempo da improvisação passou há muito, e de que se torna hoje necessário estudar cuidadosamente o Jogo e aplicar uma táctica em campo. Uma qualquer, dizem, pois a aventura não é já de admitir.

Fazem-se, mesmo, comparações com o futebol antigo e o estilo dos grandes jogadores do passado, concluindo-se que, se eles jogassem nos tempos presentes, mesmo assim, tinha de se lhes dar uma organização.

Pela nossa parte, acrescentaremos que as tácticas, bem adoptadas e postas em campo, não tiram ao futebol nem graça nem sabor, permitindo também o florescimento das qualidades dos jogadores. Quem via em acção, por exemplo, os dois interiores, Araújo e Travassos, compreende a verdade do que dizemos...

Como consequência das conclusões já enunciadas, todos os críticos manifestam a opinião de que o futebol português subiu muito, ganhando clareza, organização e prestígio. Júlio Cueto destaca-se de todos os seus camaradas, neste capítulo. Melcon, Teus e outros acompanham-no bem.

Eduardo Teus deixou-se impressionar pelo poder realizador da nossa linha dianteira, dizendo termos dado um grande passo.

O crítico de Madrid e antigo seleccionador soube tocar num dos pontos mais curiosos. Na realidade, além de tudo, a selecção dos cinco dianteiros obedeceu também à base do remate: de Jesus Correia a Rogério, não falando já em Peyroteo, mas apontando os nomes de Araújo e Travassos, trata-se de chutadores. Grandes e verdadeiros homens de remate! Assim, desta vez, tivemos tiroteio às redes, e, além das quatro bolas, muitas outras chegaram às balizas com força suficiente para fazerem as malhas...

Sobre a arbitragem, a imprensa espanhola é de opinião que ela não influiu no resultado, mas que esteve longe de merecer uma nota aceitável. Os jornais atiram-se um pouco ao inglês Wiltshire, e a gente não percebe porquê, ou percebe então que a derrota deve ser a causa principal desse juízo. No entanto, e deve dizer-se em abono da verdade, alguns críticos discordam desta opinião, afirmando em alta e justa voz a competência e a imparcialidade da arbitragem.

Como em geral sucede, a acção do seleccionador espanhol, Pablo Hernandez Coronado, é também vivamente apreciada. Quase todos lhe batem, ou às claras ou mais disfarçadamente. Há mesmo críticas que o deixam a sangrar. Um ou outro jornal destaca, contudo, a personalidade de Coronado, dizendo tratar-se de um grande senhor, que sabe ver futebol e que sabe de futebol internacional, mas que não tinha meios para fazer melhor e se encontrou em Lisboa sob um vulcão.

Eis, na sua generalidade, as opiniões dominantes na imprensa espanhola, já recortadas, nos períodos e afirmações mais expressivas, nos nossos jornais desportivos, e de que pretendemos dar uma ideia regularmente coordenada.


**A Iluminante**

MATERIAL ELECTRICO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6

LISBOA


HIPISMO

# O «RASO»

## voltou a ser o cavalo mais premiado

Estão publicados os resultados finais da época de 1946. Apesar de estarmos no início da nova temporada, julgamos oportuna a publicação de alguns apontamentos curiosos, extraídos do boletim da S. H. P., que interessarão ao leitor adepto do hipismo, não só debaixo do aspecto estatístico, como também porque eles lhe revelarão quais os cavalos que melhor se classificaram durante o ano passado.

O «RASO»

Mais um ano o «Raso» nos surge como o cavalo mais premiado, repetindo a proeza já conseguida em 1942, 1943 e 1945. Desta vez a verba conquistada — 22.880 escudos — é muito superior à dos anos anteriores. O magnífico e discutido argentino foi montado por Joviano Ramos (5.980$00) e Correia Barrento (16.900$00). Com o primeiro concursista alcançou quatro prémios em Madrid e o 2.º lugar no Grande Prémio de Lisboa, e com Correia Barrento venceu a «Omnium» e «Taça de Honra» do certame do Porto, a prova «Ministério das Finanças» e o «Grande Prémio», do Concurso de Mafra, e a «Caça» e o «Grande Prémio», de Cascais.

A título de curiosidade informamos que o «Raso» conquistou, desde a sua estreia em 1941 até à data, nada mais nada menos do que 57.515 escudos em prémios pecuniários, além de perto de 40 objectos de arte. Valioso «palmarés»!

Em 2.º lugar, no quadro final aparece-nos pela primeira vez o irlandês «Tete», que conseguiu 12.360$00, numa auspiciosa estreia, cavalo que foi montado por José Carvalhosa e ràpidamente ascendeu ao 4.º «handicap». Entre os seus melhores prémios figuram os 1.os no «Grande Prémio» do Porto, na «Prova Torres Novas» e «Sociedade Propaganda da Costa do Sol».

«Jocoso», aquele generosíssimo cavalo nacional que tão bem se tem comportado, foi em 1946 o 3.º animal mais premiado com 11.400$00, ocupando o 2.º posto, logo abaixo do «Raso», no «palmarés» do último triénio com 24.450 escudos. Quase todos os seus prémios foram alcançados montado por Barros e Cunha.

Já com menos de dez mil escudos aparecem depois «Brioso III» (7.500 escudos), «Zuari» (7.170), «Sado» (6.250) e «Vouga» (6.060).

Do 8.º ao 17.º lugar encontramos o «Ebro», «Ribamar», «Refused», «Desejado», «Guadiana», «Congo», «Tobruck», «Académico», «Xadrez» e «Xerez».

Os dezassete cavalos ganharam em 1946 a bonita verba de cento e seis mil quatrocentos e vinte escudos.

Como cavaleiro mais classificado indica-se o capitão José Carvalhosa, que conseguiu, além de numerosos objectos de arte, prémios pecuniários no valor global de 19.530 escudos, com «Tete» (12.360) e «Zuari» (7.170), seguido do capitão Correia Barrento, que, além dos 16.900 escudos obtidos com o «Raso», obteve mais 1.200 com o «Garfe» e 600 com a «Benguela».

Ainda como nota curiosa, a lista de «handicaps» dá-nos a queda de «Montes Claros», «Ursus», «Xangai» e «Zagal»; a passagem ao 2.º de «Académico» e «Magul», (o primeiro subindo do 1.º handicap e o segundo descendo do 4.º) e ainda a passagem do conhecido «Optus» do 4.º para o 3.º

Quanto à entrada no 4.º handicap, devem indicar-se «Basculho», «Brioso III», «Ebro», «Namir», «Tete» e «Vouga».

São estes os principais apontamentos colhidos na melhor fonte — a Sociedade Hípica Portuguesa — os quais servirão de aperitivo para a nova época, que promete ser bastante movimentada e interessante.

**Antas Teixeira**

*Travassos não consegue desta vez derrotar Baptista que se lança com oportunidade*

# O SPORTING obteve 3 bolas sem resposta

*O guarda-rede setubalense teve muito que fazer. Uma das suas defesas, com Peyroteo e Armando Ferreira à sua volta*

*Peyroteo mete a cabeça à bola, mas não marcará, porque Baptista está bem colocado*

*Apertado por Teixeira da Silva, defende o guarda-rede portuense a soco. Serafim e Silva seguem a jogada*

# Vitoria expressiva do BELENENSES

*Uma defesa de Mota, que teve tarefa preponderante no jogo contra o Belenenses*

# Stadium na Capital do Norte

## MOSAICOS nortenhos...

GOMES DA COSTA reapareceu, como há muitas semanas anunciámos. O admirável jogador, como todos os desportistas sabem, é o «menino bonito» dos portuenses e do seu clube, o F. C. do Porto.

Por isso o aplaudiram demoradamente quando entrou no Estádio do Lima. O simpático transmontano, que poderia ser um jogador excepcional, teve mais uma vez ocasião de ver quanto o estimam os adeptos do seu clube.

Infelizmente, porém, Gomes da Costa está sempre muito tempo sem jogar, umas vezes por causa dos seus estudos, outras surpreendido pelas férias escolares, que o levam até à sua propriedade em Vila Pouca de Aguiar.

❖ HOUVE dificuldades quanto a Barrigana e Araújo, que a direcção do F. C. do Porto resolveu suspender, a fim de castigar qualquer acto de indisciplina após o jogo contra a Académica, em Coimbra.

O F. C. do Porto, segundo parece, estava disposto a não incluir os dois jogadores contra o S. Lorenzo de Almagro. Porém, o resultado do Portugal-Espanha, para o qual Araújo contribuiu, e a campanha da Imprensa e da própria A. F. do Porto, convenceram o campeão do Norte a «perdoar». Talvez fosse melhor assim.

❖ SEGUIU para a Direcção Geral dos Desportos uma exposição do F. C. do Porto sobre o ciclista Onofre Tavares.

O F. C. do Porto está pouco habituado a ser atendido, visto que em casos anteriores lhe não foi prestada justiça. Entretanto, parece-nos que não se lhe levará a mal, pelo menos, o lamento sincero da sua gente. Não se acredita no êxito do protesto, não se sabe porquê, é bem verdade, mas ele não deixará de revelar um estado de espírito que todos os nortenhos acompanham.

Infelizmente, para se criar uma equipa — inutiliza-se o trabalho de uma região. Toda a gente achou impressionante a apoteose da «Volta», o ano passado, no Lima, mas não se perturba se for preciso eliminar aquele são entusiasmo, destruindo o poder do seu principal clube...

Mas é de confiar na protecção de quem de direito. O contrário seria negar a própria justiça.

❖ VASCO DA GAMA, esse «clubezito» da zona «Alexandre Herculano», será mais uma vez campeão regional de basquetebol. Ganhou nitidamente ao F. C. do Porto, que não pôde repetir a proeza de 1.ª Volta.

## O Porto vibrou...

*Primeiro com a vitória do grupo português e os dois «goals» de Araújo, contra a Espanha. Depois com a visita dos Argentinos do S. Lorenzo de Almagro.*

*No primeiro caso, esqueceu a sua pretensão de fazer alinhar na equipa nacional mais que o seu magnífico Araújo. Capela jogou bem — porque nós vimos — Travassos foi, no critério de muitos, o melhor jogador português. Logo, excluída a sua ambição, os Portuenses puseram-se de acordo com Tavares da Silva, o seleccionador, que por certo não abandonou ainda o seu propósito de descobrir gente nova e capaz de rejuvenescer cada vez mais o grupo de Portugal.*

*Talvez por isso o víssemos ainda no Porto, assistindo ao jogo S. Lorenzo-F. C. do Porto.*

*Esquecido o primeiro êxito do futebol português, — o Porto vibrou novamente com a visita do campeão da Argentina. Não interessa o resultado, que noutra página desta Revista se comenta pela pena do nosso Chefe da Redacção.*

*Interessa, isso sim, a maneira dedicada e fiel como o público do Porto procurou corresponder à arrojada iniciativa da sua Associação. O Lima esgotou por completo os lugares de que dispunha, e a despeito da organização atingir a monumental verba de 300 contos, sabe-se já que o F. C. do Porto recebeu ainda assim apreciável receita.*

*Veio ao de cima, como não podia deixar de ser, a velha falta de um Estádio. No banquete oferecido aos Argentinos, na véspera do jogo, vários elementos de posição oficial se referiram ao facto, e julgamos que uma ideia nova se percebeu nas suas palavras. Julgamos que o Estádio do F. C. P. se esquece em benefício do Estádio Municipal.*

*Embora este seja muito necessário à importância desportiva da capital do Norte, ao próprio Norte, talvez o «caso do F. C. do Porto» mereça primazia no tratamento. O velho clube já tem trabalhado com afinco na solução do seu problema n.º 1, e a conquista do Estádio Municipal não pode eliminar com certeza a sua pretensão. Ficaria na mesma, sem campo...*

*Mas os dois Estádios são bem precisos. O do F. C. do Porto, para dar ao clube a expansão necessária. O da Câmara, para servir o desporto regional.*

*Disseram-nos há pouco que o Estádio do F. C. do Porto não aparecerá enquanto na gerência do clube não for colocada certa «facção». Não queremos acreditar! Pois será lá possível que não se ajudem todos os elementos na conquista de tão grande regalia? Se pertencêssemos a qualquer «grupo» — cederíamos imediatamente o lugar, uma vez prometido (já se prometeu tanto!) que o caso iria para a frente.*

*O público do Porto merece sinceramente que o tratem bem. Demonstrou-o mais uma vez no dia 31 de Janeiro, pagando os bilhetes caríssimos, comparecendo animado e disposto a aplaudir a importância do futebol. E' digno de consideração, meus Senhores!*

## Revista da semana

**FUTEBOL** — O campeonato portuense de juniores não pôde no último domingo deixar a jornada completa. Por via do mau tempo, o jogo F. C. Porto-Coimbrões não passou da primeira parte, tendo-se verificado os seguintes resultados nos outros jogos: — Académico-Salgueiros, 2-0; Leixões-Leça, 4-1; Gaia-Boavista, 1-1; Oliveira do Douro-Cuf, 2-1; Candal-Vilanovense, 6-0 e Canidelo-Gervide, 3-1.

Os adversários que mais se aproximam em classe são o F. C. do Porto e o Leixões. Bella entre ambos o título de campeão.

**ANDEBOL** — O F. C. Porto, sofrendo nova derrota, frente ao Vilanovense, deve ter perdido todas as esperanças de se classificar bem. Já por mais de uma vez dissemos que os antigos campeões nacionais devem aplicar a sua atenção no sentido de melhorar o grupo com a entrada de gente moça. No seu grupo actual falta rapidez, juventude, embora um ou outro sirva com a sua experiência. O Vigorosa ganhou dificilmente ao Leça, mas revelou-se o melhor grupo.

Resultados: Vilanovense-Porto, 9-8; Leixões-Salgueiros, 4-4; Vigorosa-Leça, 7-6.

O jogo realizou-se no dia do Portugal-Espanha, contra a vontade de alguns desportistas, que pretendiam deslocar-se para Lisboa. Nisto teve culpas o F. C. do Porto, visto que os vascainos desejavam o adiamento. Como desforra — uma derrota em forma...

## UM JOGADOR!

**Gomes da Costa**

Reapareceu, finalmente, Francisco Gomes da Costa, o popular «Quicas» dos portuenses. A nossa Revista disse-o na devida altura, com toda a oportunidade, e sabíamos que os seus treinos foram demorados e meticulosamente dirigidos por Szabo.

A presença de Gomes da Costa, a despeito de termos lido em ilustre colega lisboeta que se tratava de uma «fantasia», trouxe à equipa azul-branca uma outra segurança de ataque, impossível de ver contra os argentinos, mas bem palpável 48 horas depois na frente do Olhanense.

Gomes da Costa, jogando dois encontros quase seguidos, demonstrou que não havia perdido as suas admiráveis qualidades e, até, aparecendo no campo pela primeira vez esta época, recursos de natureza física.

O admirável jogador transmontano, que ficaria «livre» quando o desejasse, é justificadamente o «menino bonito» dos portuenses, e isto por motivo bem simples: — a despeito das propostas mais variadas, Gomes da Costa tem-se recusado sempre a abandonar a sua colectividade predilecta. Recorda-se que nem um ano de passagem pela Universidade de Coimbra o levou a trocar o Porto pela Académica...

Pena é, entretanto, que o simpático «internacional» não seja mais assíduo. O F. C. P. ama-o sempre que ele deseja voltar à equipa, recebe-o com entusiasmo e de braços abertos — e só lamenta que varias razões o levem a prolongadas ausências.

Não é apenas prejudicado o futebol portuense. Gomes da Costa, se o quisesse ou pudesse, — e sabemos que nem sempre pode, por causa dos estudos, — não teria rivais. As suas qualidades natas, o seu temperamento e a sua educação fariam vibrar constantemente os adeptos da bola.

No domingo, contra o Olhanense, fazendo gala da sua preparação, desmentiu a ideia de que alinhou por «fantasia» contra os argentinos. O público aplaudiu-o particularmente. E o interior-esquerdo do F. C. do Porto pôde ver mais uma vez quanto o estimavam e até que ponto era necessário na linha avançada do seu clube!

Se ele quisesse...

# UNS SOBEM E OUTROS DESCEM

# eis a lei inexorável da Prova

## A 7.ª jornada e os seus efeitos

CRÓNICA DE: TAVARES DA SILVA

Completou-se no feriado 31 de Janeiro e no domingo, 2 de Fevereiro, a jornada número sete da Primeira Divisão. Como é do domínio público, o Portugal-Espanha fez desaparecer uma data, que passou quase em branco, e a visita dos argentinos do S. Lourenço de Almagro fragmentou ainda mais a 7.ª sessão do programa. Não se podem juntar todos os proveitos num saco.

Os resultados dos sete encontros, mais um degrau que os clubes subiram, foram os seguintes:

| | | |
|---|---|---|
| Belenenses.. | 7 — | Boavista.... 1 |
| Sporting.... | 3 — | Vitória S.... 0 |
| Atlético..... | 3 — | Benfica..... 2 |
| Porto.....10 | — | Olhanense .. 2 |
| Académica .. | 4 — | Elvas..... 3 |
| Sanjoanense | 0 — | Vitoria G.... 1 |
| Famalicão... | 2 — | Estoril..... 6 |

Os dois desafios indicados em último lugar realizaram-se a 26 de Janeiro e já nos referimos à forma como decorreram.

A jornada, de interesse prejudicado pelas competições internacionais, não teve o relevo das que a antecederam. No entanto, houve pratos para todos os paladares, desde os números de desnível aos de equilíbrio. Surge-nos um resultado a que já não estávamos habituados (parecia o S. Lourenço em acção!), e entre duas equipas categorizadas, o Porto e o Olhanense, um onze que subiu e outro que desceu. Não faltou sequer neste sétimo dia a derrota de um dos Grandes, o Benfica, no campo do seu velho rival, o Atlético.

A classificação geral acha-se agora restabelecida da seguinte maneira, tendo todos os participantes sete encontros disputados: *Sporting*, 6 vitórias e 1 derrota, 38 bolas contra 15, 12 pontos; *Porto*, 5 vitórias e 2 derrotas, 23 bolas contra 12, 10; *Académica*, 4 vitórias 1 empate e 2 derrotas, 14 bolas contra 20, 9; *Estoril*, 4 vitórias e 3 derrotas, 30 bolas contra 13, 8; *Benfica*, 4 vitórias e 3 derrotas, 25 bolas contra 18, 8; *Belenenses*, 3 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 13 bolas contra 9, 7; *Vitória de Setúbal*, 3 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 10 bolas contra 9, 7; *Boavista*, 3 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 14 bolas contra 15, 7; *Vitória de Guimarães*, 3 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 13 bolas contra 15, 7; *Atlético*, 3 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 13 bolas contra 16, 7; *Olhanense*, 3 vitórias e 4 derrotas, 13 bolas contra 25, 6; *Famalicão*, 2 vitórias 1 empate e 4 derrotas, 18 bolas contra 29, 5; *Elvas*, 2 vitórias e 5 derrotas, 21 bolas contra 21, 4; *Sanjoanense*, 1 empate e 6 derrotas, 1 ponto.

As consequências principais são as seguintes: Sporting, inalterável, à cabeça; descida do Benfica do 2.º para o 5.º lugar; subida do Porto para o 2.º, destacado; um pulo gigantesco da Académica, para 3.º; melhoria acentuada do Estoril 4.º e do Belenenses; descida vertiginosa do Olhanense; um salto de dois degraus de Guimarães.

### Belenenses venceu nas Salésias

O Boavista é uma equipa animosa, e os seus jogadores defendem as cores clubistas com denodo. Falta-lhe, no entanto, fundo de equipa, e a força necessária para o embate de competição. O grupo é frágil e acusa a luta de corpo-a-corpo. Contra o Belenenses, ainda por cima, os boavistas ficaram sem o concurso de Pereira, em certa altura, e o rendimento colectivo ressentiu-se do facto. Trata-se de uma atenuante, mas que não justifica cabalmente a derrota.

Porque o Belenenses mostrou-se, de uma forma geral, superior ao seu adversário. O resultado de 7-1 não dá margem a dúvidas. Em todo o caso, ele não retrata a luta. Sem dúvida, jogando mais, o Belenenses não dominou sempre... Os boavistas esforçavam-se muito na defesa, mas não perderam o rumo do ataque, e uma que outra vez fizeram sortidas com a marca de *perigo*.

Ao intervalo já os lisboetas venciam pela margem folgada de três bolas, e isso justifica que o seu trabalho decorresse com facilidade e no ar natural que têm as coisas simples. Tendo jogado na feição de ataque, não causa estranheza que os dianteiros fossem os elementos mais em foco, ainda que a figura de Mariano Amaro se erguesse à maior altura. Por isso vieram, novamente, à luz do dia, as falhas dos orientadores da linha avançada belenense, que jogam bem até à zona da verdade para aí se perderem. Inexplicàvelmente... Teixeira da Silva, no posto do centro-atacante, revelou qualidades. Rafael destacou-se, pelo que jogou e fez jogar, demonstrando que não se apagam nele fàcilmente as suas excelentes qualidades.

*Belenenses* — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Teixeira da Silva, José Pedro e Rafael.

*Boavista* — Mota, Silva, Pereira, Raimundo, Serafim, Ramos, Zeca, Armando, Caiado II, Caiado I, e Caiado III,

*Arbitro* — José Pires, de Setúbal.

### Os «leões» ganharam fàcilmente...

Há desafios que se passam em perguntas e respostas, avançada num campo e logo noutro, surgindo os *goals* com relativa facilidade. Outras vezes, então, um grupo invade o terreno inimigo, domina, e não consegue furar as redes. Note-se, não por jogar mal, mas sim porque um grão de areia faz ruir, no momento preciso, toda a construção.

O retrato do *match* dá-se num breve período: o Sporting jogou de princípio ao fim ao ataque; como corolário, o Vitória empregou-se a fundo, do primeiro ao último instante, na defesa. Ressalve-se uma fase relativamente curta do segundo tempo, em que os setubalenses afiaram a espada e estavam resolvidos a despedir o golpe mortal.

Toda a equipa leonina, em vagares que dá a supremacia, carburou bem, mostrando excelente ligação da defesa ao ataque. Os setubalenses não tinham tempo nem espaço para desencadearem ataques. Os seus intentos tinham forçosamente de convergir para o objectivo de se defenderem.

No entanto, as bolas sportinguistas chegaram tarde: aos 36 minutos, bola de Travassos; na segunda parte, *goal* de Peyroteo, aos 25 minutos; e um pouco depois, o fecho do marcador com uma bola de Armando Ferreira.

O desafio não deixou saudades no capítulo da correcção, visto alguns setubalenses se terem excedido em cargas a sportinguistas. Uma coisa é a dureza e outra a violência.

*Sporting* — Reis, Frazão (que substituiu Cardoso), Manuel Marques, Canário, Veríssimo, Juvenal, Jesus, Armando, Peyroteo, Travassos e Albano.

*Vitoria de Setubal* — Baptista, Pereira, Montez, Pina, Soeiro, Figueiredo, Campos, Nunes, Cardoso, Rendas e Passos.

*Arbitro* — Anízio Morgado, do Porto. Infelizmente, o critério largo da arbitragem só pode aplicar-se quando os jogadores se compenetraram dos seus deveres.

### Na Tapadinha, «má sorte» do Benfica!

Já não é de hoje nem de ontem! O Benfica não tem sorte na Tapadinha. O seu adversário parece que joga mais confiante em frente do Benfica do que contra qualquer clube. Seja como for, registou-se agora mais um triunfo atlético, e a tradição não se apaga...

Três-dois reflecte o equilíbrio da luta, e se o resultado se aceita perfeitamente, dada a coragem, energia e brio que os atléticos puseram em campo, também outro qualquer *score*, nivelado, e com a balança caída para a outra banda, se aceitaria. Mas isto é o jogo!

Os grupos chegaram empatados ao intervalo, um-a-um. Guedes, pelo Atlético; Júlio, pelo Benfica, marcaram. Os da Tapadinha jogaram inicialmente com desembaraço, mas aos poucos os do Campo Grande foram tomando alento.

Foi na segunda parte, a meio, que o problema se resolveu. Ainda neste tempo, o Atlético começara melhor para em seguida decair um pouco e subir o seu adversário, norma infalível do futebol.

... E deu-se uma jogada confusa nas balizas de Correia, salvando no último momento Baptista — mas havendo quem tivesse a impressão da bola ter ultrapassado o limite. O chamado *goal* fantasma!

Para cúmulo, logo a seguir, o Benfica sofreu duas bolas, estranhas, e a questão ficou pràticamente terminada: um remate de Oscar fez tabela em Fernandes e o balão entrou; numa confusão, Moreira surgiu dentro das balisas com a bola em seu poder... Há decerto maleficios em futebol!

O Benfica ainda conseguiu um tento, aos 37 minutos, por acção de Arsénio, mas os alcantarenses não se deixaram desorganizar. Tinham o triunfo na mão e não o largavam.

*Atlético* — Correia, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Morais, Oscar, Amaral, Gregório, Guedes e Marques.

*Benfica* — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Baptista e Rogério.

*Arbitros* — António Serrano, de Lisboa.

### Porto dominou o Olhanense!

Nas equipas com faculdades — caso do F. C. P. — pode dar-se muito bem o caso de tudo correr bem, da ligação ser perfeita entre todas as unidades e do remate resultar certo e forte. Quando tal acontece, não há nada a fazer. O adversário é presa fácil, e ver-se-à na dura obrigação de descer muitas vezes ao fundo das redes.

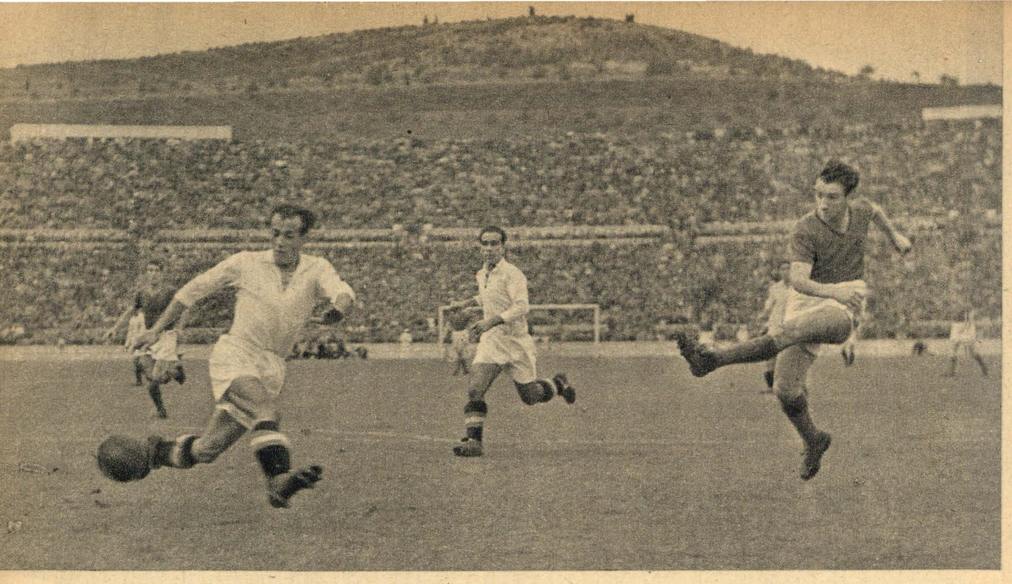
*(Continua na página 18)*

**Almanaque dos Desportos**

**A publicar pela Páscoa**

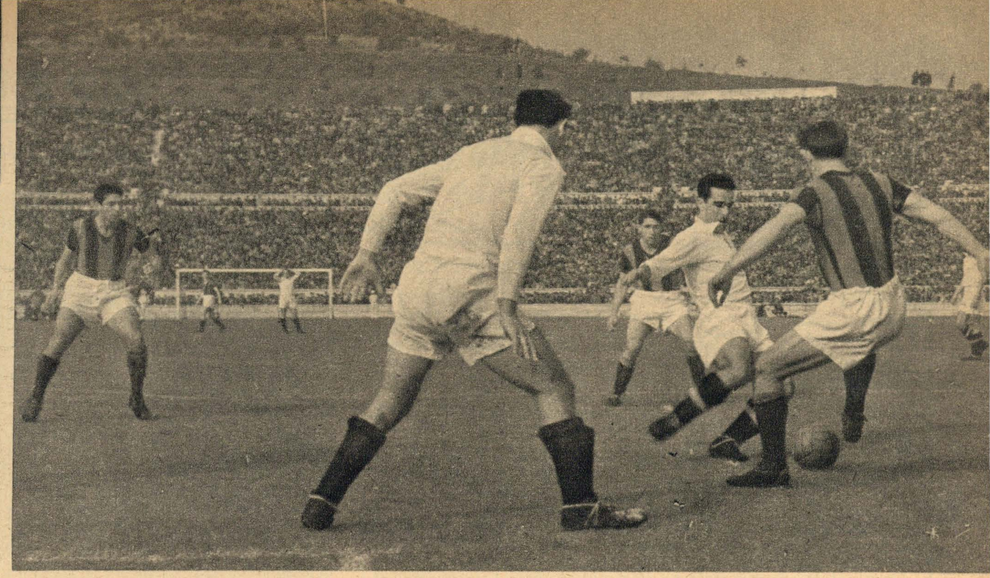
**Enviem-nos a sua inscrição enquanto é tempo**

# Os Sãolourenços venceram o misto



*Um jogador argentino, a despeito da oposição de Moreira e de Cardoso, executa um remate*

*Cardoso desarma com oportunidade o extremo esquerdo argentino. Nem sempre fomos batidos...*



*O ataque argentino procura envolver a defesa do misto, mas Cardoso acabou por levar a melhor nesta jogada*

*O grupo do F. C. Porto que enfrentou os argentinos:* — De joelhos, da esquerda — *Lourenço, Araujo, Correia Dias, Gomes da Costa e Catolino.* De pé — *Alfredo, Romão, Joaquim, Carvalho, Barrigana e Guilhar; Francisco, Sanfins e Valongo, suplentes*

*A excelente equipa do S. Lorenzo de Almagro, campeão da Argentina, composta por excelentes malabaristas. Estão no grupo todos os efectivos e suplentes, e ainda o treinador e maçagista do admirável grupo sul-americano*

*O grupo misto do B. S. B. De joelhos, da esquerda:* — *Jesus Correia, Arsénio, Peyroteo, Travassos e Rogério. De pé:* — *Amaro, Feliciano, Cardoso, Moreira, F. Ferreira e Capela*

*O guarda-rede portuense Barrigana lança-se arrojadamente aos pés de Martino, enquanto Alfredo procura seguir os movimentos do adversário*

*O guarda-rede argentino saiu para interceptar uma avançada de Correia Dias. A bola, entretanto, está ba presa pelo portuense*

# O F. C. Porto foi vencido pelos Almagros

*Uma boa defesa de Blazina, tendo Basso a ajuda-lo. No ataque, Araujo e Catolino, que não chegam a importunar os argentinos*

# A vida desportiva por êsse mundo fora

## NOTA DA SEMANA

*A popularidade e o ascendente que o jogo da bola atingiu, entre nós e no estrangeiro, crescem de maneira espontânea, irresistível, a ponto de se tornar desnecessário colejá-lo com outros desportos para lhe reconhecer o império sobre todas as modalidades. Pessoas outrora intransigentes e mal-humoradas, quando ouviam falar os entusiastas — centenas de «pinocas» e «meninas-bem» — cedem o fastio perante o espectáculo de um* match *internacional, em dia de sol rutilante. Esta vitória — porque a conquista do favor das massas e do escol é triunfo inegável e difícil — não tem só lugar entre nós, portugueses, antes varre a Europa e a América do Sul com idêntico vigor.*

*Agora, vencidas as retutâncias dos cépticos e entusiasmadas as populações campesinas, chegou a vez de descobrir horizontes novos. Para tanto, haverá um desafio sensacional, em Maio futuro, entre a melhor selecção inglesa e um conjunto dos onze futebolistas europeus do Continente, mais capazes de lhe darem réplica.*

*Não é a primeira tentativa. Em 1938, um* team *continental, tendo por base o grupo representativo da Itália e completado com franceses, belgas, alemães e húngaros, tentou a sorte contra os mestres da bola redonda.*

*Acima do mérito de tal encontro, desportivamente discutível sob diversos aspectos e, até, pela dificuldade da selecção dos componentes, há uma faceta a por em relevo: o triunfo da ideia e da beleza do futebol associativo.*

*Sempre em evolução constante, ambicioso por atingir formas novas, já se não contenta em aprimorar as regras. O seu dinamismo estético e progressivo inventa criações diferentes, semeia novos estímulos e busca outras sensações. A ideia do choque entre «discípulos» e «mestres» é um certificado de que segue em triunfo, a caminho de se tornar tão indispensável à vida do homem como outras manifestações artísticas, fundamentais e imprescindíveis, das modernas civilizações.*

*Esta ânsia é o caminho da posteridade.*

**R. B.**

# FUTEBOL

## EM INGLATERRA

A quarta eliminatória da Taça de Inglaterra — designação assaz imprópria, embora generalizada para mencionar a Taça da Associação de Futebol Inglesa — reuniu 32 clubes e proporcionou cinco empates.

Ficaram apurados, por conseguinte, onze pretendentes e os restantes lutarão durante a semana até obter um resultado decisivo.

As condições atmosféricas, de frio quase polar, afastaram imenso público. Apesar disso, houve 670.088 espectadores, o que dá uma média de 42.000 por desafio, notável sob todos os aspectos. O mercado negro fez mau negócio devido ao mau tempo.

Os bilhetes de meia-libra chegaram a cotar-se a 3 libras e meia, mas baixaram até sete xelins e meio, antes da hora marcada para o desafio do «Chelsea» com o «Derby». Está visto que a sorte protege os felizes. Desta vez, Derby esteve regularmente vencido graças a dois tentos notáveis do celebrado Tommy Lawton. O árbitro, porém, anulou o segundo *goal*, considerando o seu autor fora-de-jogo, facto que não se produziu, segundo toda a Imprensa. Este acontecimento desanimou o Chelsea e, no fim, registou-se um empate a 2 bolas.

Quem está de parabéns é o «Chester», o único clube sobrevivente da Terceira Divisão ainda na brecha. Enfrentando «Stoke City», conseguiu anular a actividade perigosa do famoso *Stan Matthews* e dos quatro colegas da linha atacante. O resultado de zero tentos provocou justificada surpresa e deve-se, em parte, ao mestre escola Eric Lee — médio-esquerdo e amador — a Walters, médio-centro, e David Mc Neil, defesa-esquerdo.

A surpresa real do dia foi a derrota de «Manchester United», por 2 0, a favor de «Nottingham Forest», um clube modesto, que desde 1898 não ganha a celebrada «Taça»! Isto no próprio campo dos vencidos!

O trabalho defensivo do Forest, em especial do guarda-redes, Platts, impediu a linha atacante de tomar ascendente, embora atirasse duas vezes sobre a trave.

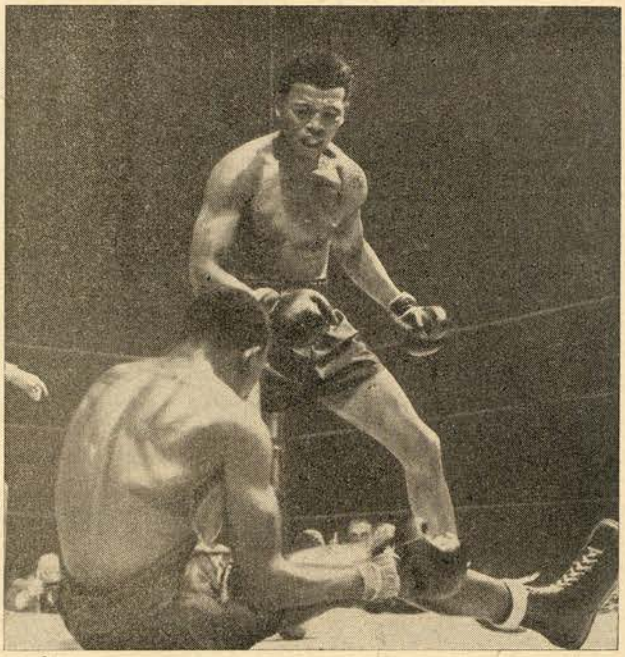
Muitos pensam que o futuro ganhador da Taça venha a ser o «Wolverhampton» ou «Sheffield United», cujo empate a zero tempos deixou o caso por esclarecer.

O «Charlton», finalista em 1946, safou-se por melhor entendimento das linhas. O seu adversário «West Bromwich Albion» perdeu por 2-1.

Para a quinta eliminatória ficaram pois apurados os seguintes clubes: Birmingham City, Blachbrun Rovers, Burnley, Liverpool, Luton Town, Nottingham Forest, Middlesbrough, Newcastle United, Preston North End, Sheffield Wednesday, Charlton. A este falta acrescentar os vencedores dos cinco jogos que se repetiram por motivo de empates.

# BOXE

## A dois segundos da derrota!



*Ray Robinson, actual campeão do mundo dos «meio-médios», sentado na lona, abatido por um certeiro golpe de Tommy Bell, seu adversário para o título. O combate, realizado no Madison Square Garden de Nova York, terminou com a vitória de Robinson*

## PELA EUROPA

*Cliff Anderson*, o pretito da Guiana Inglesa, que derrotou por pontos recentemente Jack Paterson, campeão mundial dos «mínimos», desafiou o titular dos «semi-leves», Nel Tarleton, a combater para a supremacia imperial, apostando 500 libras nas suas cores.

Anderson é, também, pretendente ao título dos «leviíssimos».

*Jack London*, ex-campeão dos «pesados» de Inglaterra, reaparece ao público no Seymour Hall. de Londres, a 18 do corrente. Terá como adversário Jan Klein, campeão da Holanda.

No desafio internacional de boxe (amadores) entre a *Itália* e a *Irlanda*, coube a vitória aos representantes irlandeses por 5 3. Todas as decisões foram alcançadas por pontos, excepto nos «meio-pesados», em que o representante italiano obrigou o árbitro a intervir para lhe dar a vitória por inferioridade do antagonista.

*Marcel Cerdan*, que devia lutar contra Vince Hawkins, inglês, para disputa do campeonato europeu dos «médios», jogará nos primeiros dias do corrente mês contra o belga *Léon Fouquet*, visto aquele pugilista se encontrar impossibilitado de combater. O vencedor será considerado como campeão da Europa.

*Max Schmelling*, antigo campeão do mundo, principiou os seus treinos para enfrentar o sargento *Frank Cloy*, ex-treinador de Joe Louis. O que pensará fazer o velho Max, mal alimentado e atingido pelo peso dos anos?

## PELA AMÉRICA

*Tami Mauriello* ganhou por fora de combate ao 2.º *round* a *John Thomas*, no estádio olímpico de Detroit.

Thomas é considerado pugilista de 1.ª série pela recente classificação de Nat Fleisher.

Fala-se com grande insistência que o famoso *Billy Conn* voltará a combater, mas na sua antiga categoria: «meio-pesado». Foi-lhe oferecido um *match* contra o campeão europeu *Fred Mills*, mas a esposa tem exercido grande influência para que abandone a actividade por uma vez.

O magnífico boxador sueco-estoniano *Anton Raadik*, peso-médio, celebrou a sua sétima vitória consecutiva pondo fora de combate ao 6.º assalto *Buddy O'Dell*, no Estádio de Chicago.

*Cyril Gallie*, o peso leve de Cardiff (Gales), agora nos Estados Unidos, derrotou *Pat Scanlon*, de Nova York, por intervenção médica no fim do 3.º assalto.

*Scanlon* é um pugilista da 1.ª série, segundo a classificação de Nat Fleischer.

# O resultado do Portugal-Espanha

## aumentou o interesse pelo próximo jogo contra os britânicos

LONDRES, FEVEREIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

O resultado do jogo Portugal-Espanha foi recebido com muita satisfação em Londres. E embora os ingleses sejam capazes de vencer por 4-1 ou outro número superior qualquer equipa vinda de Espanha, não há dúvida alguma sobre o interesse despertado pela vitória lusitana, de mais a mais sabendo-se que o seu domínio justificava resultado mais expressivo.

Tal como todos os portugueses de Londres, a vitória da equipa representativa do nosso país encheu-nos de íntima satisfação. O triunfo há muitos anos aguardado demonstra-nos que o futebol nacional progredia extraordinàriamente, e fazemos votos pela sua expansão segura, no futuro.

O Estádio Nacional, onde a equipa portuguesa ainda não perdeu, verá em Maio a equipa da Inglaterra. Os britânicos, aceitando o jogo em Lisboa, dão provas de consideração pelo nosso futebol; e conhecendo a sua categoria através dos resultados desta época e do ano findo, devem esforçar-se por uma vitória compensadora.

Não precisam os britânicos de se categorizar, visto que o seu futebol, hoje como no passado, conquistou a celebridade. Mas, no actual momento, ganhar a Portugal parece não ser fácil tarefa. E é bonito para qualquer país... (e até para nós, portugueses, que vamos anotando a vontade revelada pelos adversários) ganhar os jogos difíceis.

Atenção, portanto, ao encontro Portugal-Inglaterra. Os britânicos jogam bastante mais que os espanhóis, como se sabe. A nossa categoria começa a impressionar, mas daí até ter possibilidades de bater os mais fortes selecções vai por certo grande distância. É preciso batalhar muito e bem, pois do contrário perder-se-á o excelente trabalho produzido até agora.

### A «dança» dos clubes na «Taça de Inglaterra»

Já se disse em tempos que os clubes da 2.ª Liga Inglesa, por seu valor, pregam sérias partidas aos agrupamentos da 1.ª Liga. Os grupos são muito iguais. A «dança» da «Taça», a cuja final não deverá assistir este ano a família de S. Majestade Jorge VI, ausente na África do Sul, continua a interessar os desportistas britânicos, que comparecem em número ilimitado aos encontros do calendário designado por sorteio.

Para se dar uma ideia do valor dos grupos da 2.ª Liga, bastará dizer que para a última eliminatória 6 clubes eram seus, contra 5 da Liga maior.

Se em Portugal se conseguisse uma 2.ª Divisão no estilo da 2.ª Liga Inglesa, teríamos com certeza redobradas possibilidades. Assim, não se passará das grandes equipas, dos chamados grandes, que são apenas quatro: Sporting, Benfica, Belenenses, F. C. do Porto...

Quantos grupos desta categoria possui a Inglaterra...

### Os cavalos de puro sangue franceses vão reforçar as equipas inglesas

Segundo um jornal que nos chegou às mãos («Monde»), os cavalos de puro sangue franceses estão a ser disputadíssimos na Grã-Bretanha.

As autoridades britânicas, — escreve o jornal, — tinham classificado os cavalos de corridas na categoria dos «objectos de luxo». A importação devia ser limitada ao máximo para evitar as saídas de libras esterlinas.

Mas há mais: as numerosas vitórias alcançadas recentemente pelos cavalos franceses nos hipódromos britânicos — vitórias que levaram as esferas hípicas de além-Mancha a falar de «great French invasion», — eram de natureza a reforçar a atitude proteccionista adoptada pelos criadores de cavalos ingleses.

Por estas razões, os serviços técnicos do Ministério da Agricultura francês entabularam, em Março do ano passado, negociações tendentes a conseguir do Ministério do Comércio britânico que este passasse licenças de importação aos proprietários ingleses desejosos de adquirir em França cavalos capazes de ostentar vitoriosamente as suas cores.

O principal argumento dos criadores ingleses para se oporem às importações francesas era que estas ameaçavam comprometer o rebastecimento dos seus próprios cavalos.

Para os refutar, o Ministério da Agricultura francês propôs a compra dum contingente de cavalos de tiro em Inglaterra, embora a França já tivesse adquirido 500 nos princípios de 1946.

O Ministério das Finanças francês, no intuito de marcar o seu desejo de que recomeçassem as trocas de antes da guerra com o Reino Unido, concedeu, por sua vez, licenças de importação para éguas de puro sangue inglês. Foi assim que os franceses puderam figurar, no ano findo, entre os compradores oficiais estrangeiros nas vendas em hasta pública de Newmarket. Foi, por isso, num ambiente de mútua compreensão, que, finalmente, as negociações iniciadas em Março de 1946 levaram a mudança de atitude da parte das autoridades britânicas em sentido nitidamente favorável, visto que aceitam passar, sem limitação e sem fiscalização do valor dos animais, licenças de importação para cavalos de puro sangue de origem francesa, com transferência de divisas. A Grã-Bretanha não exigiu qualquer compensação em contrapartida.

Equivale isto a dizer que, de futuro, todos os proprietários ou criadores britânicos têm a possibilidade de adquirir em França, quer cavalos de corridas, quer éguas reprodutoras, quer poldros de puro sangue.

Por outro lado, a Société d'Encouragement de França resolveu abrir a maior parte das corridas da sua iniciativa, até agora reservadas aos cavalos nascidos e criados em França, a todos os cavalos de puro sangue devidamente inscritos no seu país de origem.

F. M.

UM DESPORTO QUE RENASCE

# A LUTA GRECO-ROMANA

*O belo e viril desporto da luta greco-romana conheceu, em épocas um tanto recuadas, aura apreciável. Tinha ambiente. E uma actividade apreciável, que se traduzia num bom núcleo de praticantes de notável valor técnico. Não era — nunca o foi — uma modalidade popular. Mas é indiscutível que se praticava com regularidade e entusiasmo nalgumas colectividades lisboetas, mormente, como é óbvio, naquelas mais votadas à prática especializada da cultura física. O Ginásio Clube Português — velha relíquia do desporto nacional — deu-lhe impulso decisivo nos primeiros tempos da sua prática em Portugal. E a modalidade desenvolveu-se, ganhou raízes e adeptos.*

*Um dos seus praticantes mais notáveis — o hábil António Pereira — recebeu, até, o encargo honroso de representar as cores nacionais num torneio olímpico.*

*Entretanto, o gosto pela prática de tão excelsa e viril modalidade ia-se atenuando. No período que vai de 1940 a 1945, o desinteresse por esse desporto milenário quase se tornou absoluto, ameaçando comprometer uma especialidade que reúne inúmeras condições de agrado.*

*Nestas colunas se desenvolveu, então, larga campanha verberando a atitude de certos nomes que, com passado e responsabilidades dentro da greco-romana, a haviam votado ao mais completo ostracismo. E apontava-se, como remédio necessário e urgente, a regularização da respectiva Federação.*

*Depois de vários esforços e diligências, o organismo máximo surgiu, tendo até, por sinal, na presidência o nome prestigioso de Vasco Ribeiro.*

*A luta começou, então, a movimentar-se gradualmente — a ressurgir.*

*E por informes dignos do melhor crédito, continuará a ressurgir, também, na presente temporada, que teve, agora, o seu início.*

*A Federação, que entrou já em plena actividade, encontra-se na disposição de desenvolver profícua e intensa actividade, procurando, por todos os meios ao seu alcance, reavivar a prática regular da greco-romana, por forma a que a viril modalidade volte a ocupar o lugar que já conheceu no xadrez desportivo nacional.*

*Assim, por todo este mês, teremos um torneio inter-clubes, de cuja organização se encarregou o prestante Ateneu Comercial de Lisboa — uma das colectividades que melhor e mais valioso contributo tem emprestado a este movimento, a que podemos chamar de pró-greco-romana.*

*Os campeonatos regionais estão marcados para os meses de Março, Abril e Maio, em datas e locais a fixar oportunamente.*

*Em resumo, tudo parece conjugar-se para que a luta greco-romana continue, na época de 1947, o movimento de recuperação há dois anos iniciado.*

*Ginásio Clube Português, Ateneu Comercial de Lisboa, Lisboa Ginásio Clube, Grupo Desportivo dos Tabacos, Sport Clube do Intendente e o popular Sport Lisboa e Benfica, eis os grémios que, certamente, mais irão contribuir para dar enlusiasmo e vibração aos torneios que se avizinham.*

*A temporada de luta de 1947 está à porta. Que um ar de graça a proteja, que bem o merece.*

**Abreu Torres**

Um lance de apuro junto das redes argentinas. Amaro, como se vê, tambem foi para a frente...

A troca de cumprimentos. Repare-se no sorriso do árbitro inglês mister Wiltshire

Arsénio não conseguiu dominar. Os defesas argentinos impediram-no com uma entrada fulgurante

Blazina não esteve quieto, ao contrário do que poderá julgar-se. Mas Peyroteo está só — e o perigo passou

Três argentinos num ballado, junto do seu campo. E a bola foi para um companheiro desmarcado...

Blazina defende com êxito e Peyroteo renuncia ao ataque

# Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

## V — O QUILÓMETRO

A distância clássica do quilómetro, porque não figura no programa olímpico, cujas provas de corrida correspondem à aproximação métrica dos percursos ingleses em jardas e milhas, manteve-se durante muitos anos esquecida em Portugal, depois de ter figurado nos primeiros campeonatos de pista oficialmente organizados no nosso país.

Foi isto em 1911, substituindo nos Jogos Olímpicos Nacionais, promovidos pela Sociedade Promotora de Educação Física Nacional, a prova dos 1.500 metros.

Esta corrida, da qual saiu vencedor Armando Cortesão, foi erradamente indicada numa lista de recordes nacionais publicada há quase vinte anos pela Federação Portuguesa de Atletismo, como disputada em 1910. O tempo do vencedor, sobre o qual não chegaram até nós nenhuns elementos oficiais, deve ter sido 2 m. 58 6 s., como indica a referida tabela e como encontrámos nas nossas pesquisas nos relatos da imprensa diária contemporânia; isto, apesar de «Os Sports Ilustrados», único jornal desportivo da época, registar 2 m. 56 8 s., que atribuímos a «gralha» por troca de algarismos, o que era frequente naquele periódico.

Só catorze anos mais tarde voltou a celebrar-se, pelo menos oficialmente, uma corrida de quilómetro, e tal se ficou devendo à iniciativa do Sporting Clube de Portugal, que a incluía no programa do torneio para juniores, de sua organização, para conquista da «Taça António Stromp», programa esse que depois foi integralmente adoptado para os campeonatos da categoria.

O vencedor, nessa temporada de 1925, foi o vendedor de jornais Vidal Lopes, no modesto tempo de 3 m. 3,8 s.

Em 1926, a competição foi muito mais animada e a prova servia de estreia a um corredor que marcou lugar no atletismo português e foi vencedor em 2 m. 59,2 s.; chamava-se ele Alfredo Silveira e envergava a camisola negra do Internacional.

O assalto ao recorde principiou na época imediata; a Federação resolveu chamar a si a organização dos campeonatos de juniores, separando-os do torneio da Taça António Stromp, ao qual nos anos precedentes fora conferida essa categoria. O Sporting não gostou do procedimento e não inscreveu os seus atletas.

O quilómetro foi ganho pelo benfiquense Feliciano Gonçalves, um júnior com nove anos de presença em pista, o qual igualou o belo tempo de Cortesão.

Quinze dias passados, o Sporting organizou o seu torneio da Taça António Stromp, com programa idêntico, agregando ao programa uma corrida de 100 metros para seniores, onde o seu representante Abílio do Nascimento desceu o recorde nacional para 2 m. 48,8 s., batendo Carvalho Amaro por 10 metros (aproximadamente 2 m. 56 s.); é curioso registar que o vencedor da mesma prova para juniores, nesse mesmo dia e umas dezenas de minutos antes, foi Henrique Carmo em 2 m. 55,8 s., nunca inferior também ao antigo recorde.

*Abílio do Nascimento numa largada ao lado do francês Baraton, que ao tempo era detentor do recorde mundial do quilómetro*

Este tempo não pode figurar na lista dos recordes portugueses, porque o regulamento internacional estabelece, para efeitos de homologação, uma duração mínima de 24 horas de validade.

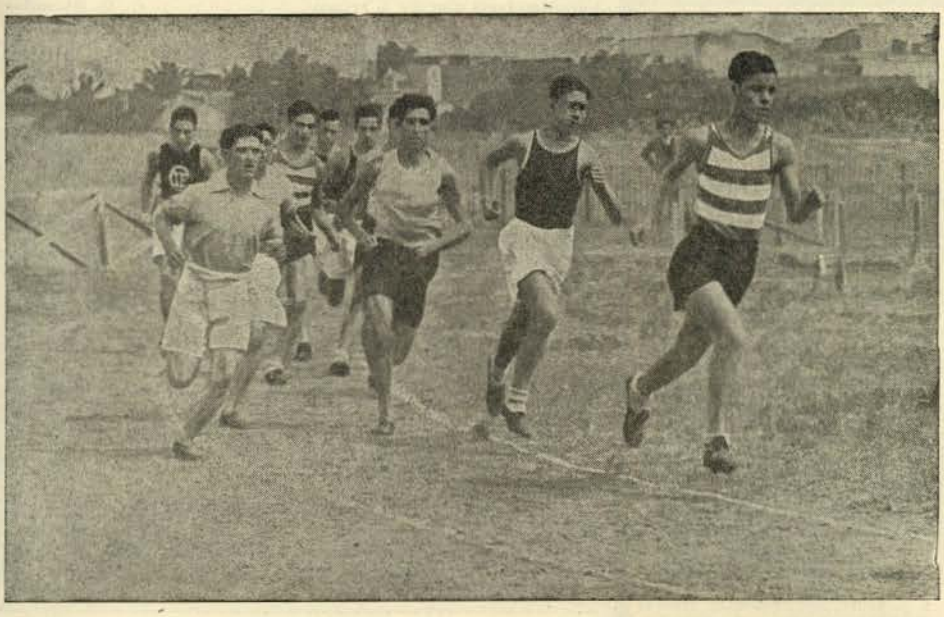
Desde estes tempos até agora, o quilómetro passou a ser mais frequentemente incluído em certames atléticos, figurando pelo menos sempre nos campeonatos de principiantes e juniores.

Não nos alongaremos a enunciar os vencedores de todas estas competições oficiais, cujas listas possivelmente publicaremos um dia, pois é provável que nem as próprias entidades organizadoras possuam elementos para as apresentar completas; seguiremos pelo tempo adiante anotando apenas os factos mais notáveis e, assim, saltaremos para 1929, quando «Os Sports» organizou pela primeira vez o seu concurso, nele figurando o quilómetro, aberto a corredores de todas as categorias.

Alvarez e Nascimento figuravam de favoritos e da sua luta se esperava a descida do recorde; sucedeu, porém, que correram com recíproco receio, esquivando-se a conduzir o andamento e o tempo foi medíocre: Alvarez vencedor em 2 m. 56 s., Nascimento a quatro metros.

A prova do mesmo concurso no ano seguinte foi melhor levada e o mesmo Joaquim Alvarez triunfou em 2 m. 45 s., recorde que lhe ficou pertencendo durante seis anos.

Encerrando a temporada de 1931 — durante a qual sete vezes se correu o quilómetro — a prova do torneio de «Os Sports» reuniu tudo quanto no país marcava um valor na especialidade. A corrida foi emocionante, daquelas cuja evolução se revive com saudade; partida bastante rápida, conduzindo o pelotão durante os primeiros oitocentos metros o malogrado portuense Arnaldo de Sousa, seguido na passada por Manuel Dias, que o atacava ao menor afrouxamento de velocidade. A duzentos metros do fim, Dias embala e passa, apesar dos esforços de Sousa, destaca-se nitidamente e vence em 2 m. 48,2 s., enquanto o rival, exausto, cedia a meio da recta final e era, su-



*Joaquim Alvarez conduz a prova dos 1.000 m., que vai ganhar, no concurso de «Os Sports» de 1929*

# Guilherme Martins e Jorge Larsen

## empataram no fim de oito assaltos

### mas o moçambicano esteve prestes a sucumbir ao 6.º

Guilherme Martins procura, com um directo da esquerda, abrir a «guarda» de Larsen para colocar a sua «direita»

O combate de Guilherme Martins com Jorge Larsen mereceu a certo espectador jocoso o comentário seguinte:

— É pena ter sido «racionado»!

Na verdade, oito assaltos, apenas oito, que por sinal não vieram a lume nos jornais nem nos prospectos de propaganda, com a claridade necessária para informar o público — isto em desacordo com as determinações superiores, possivelmente revogadas, esquecidas ou desprezadas, mas que eram de benefício geral... — oito assaltos, como íamos dizendo, não podiam resolver qual dos dois homens é o melhor.

Seria, como foi, um reclame para a desforra, mas não se vê benefício concreto nesta batalha prévia — a não ser que o financeiro possa entrar na mesma rubrica...

É claro que as empresas têm, mal justamente, aliás, um empenho lógico em realizar programas de êxito monetário. O seu papel é esse e são os organismos directivos (quando existem...) que refreiam e condicionam os interesses da pecúnia, impondo-lhes a primazia do critério desportivo.

Isto, em determinados países, porque noutros, como a Alasca, Patagónia e a República de Xipamanine (África Oriental), sucede o oposto, ou seja, os organizadores cuidam da ética desportiva e os mandantes, «mai-los» super-mandantes, labutam pelas benesses pecuniárias. Tanto a Patagónia como Xipamanine estão, geogràficamente falando, nas Antípodas, e assim se explica que as coisas sucedam ao invés. A Alasca está no hemisfério norte, mas é uma excepção que confirma a regra...

Felizmente, em Portugal não se dá tal facto e nenhum empresário pode produzir um programa (mesmo racionado...) sem ante-pasto, entrada e prato de resistência, que, na culinária boxística, são os combates preliminares, os de meio-fundo e fundo.

No tempo em que os animais falavam, o combate de fundo tinha de ter dez assaltos, mínimo; agora os ventos de Espanha trouxeram esta modalidade nova, económica, que vai contra os nossos hábitos e não satisfaz o público.

Valha-nos S. Bernardino, patrono da esgrima de punhos!

◆

Guilherme Martins, que vencera por modo indiscutível o ídolo moçambicano Beni Levi, perdeu no sábado uma vitória nítida por não ter tido no seu «canto» um conselheiro avisado e arguto.

Teve o adversário à mercê, quase abatido na lona, e deixou fugir essa oportunidade magnífica! Um grito, uma palmada vibrante na lona do estrado, a espevitar os sentidos do popular jogador de Barcelos, e o soco definitivo teria partido a tempo de colher o fruto madaro que se lhe oferecia.

Em resumo, faltou a presença de Francisco de Brito, seu cuidador...

Martins apresentou-se com carência de «ring», isto é, pouca prática desde o retumbante combate do Coliseu.

Apesar disso, mostrou-se mais perigoso que Larsen e encaixou melhor que o moçambicano. Cremo-lo capaz de vencer o campeão, caso faça uma boa preparação e caide exemplarmente de si.

O resultado — empate — corresponde quase à verdade e não se discute, pois se Larsen acabou superior, também foi o menos correcto durante a batalha e esteve a dois dedos de perder por fora de combate.

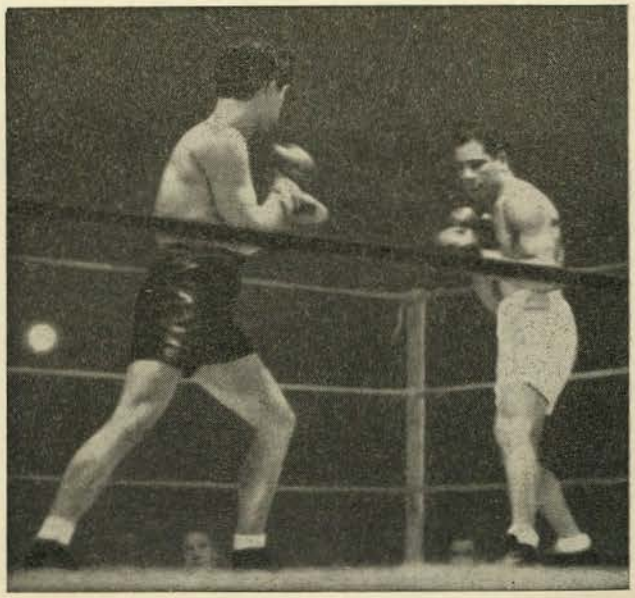
Nos restantes «matches» da noite, Manuel de Sousa venceu por pontos António Branco, apesar de mal guardado e de ter visto as suas acções descerem até ao 3.º «round». Refez-se, em seguida, batalhando a fundo e tirando partido do seu maior vigor.

António Silva confirmou a sua superioridade sobre Cruz Passos, de maneira a merecer aplausos. No fim dos oito assaltos, a decisão a seu favor impunha-se.

Em abertura, Cláudino Correia ganhou a Luís de Macedo, por pontos.

Sintetizando: uma sessão regular, cujo programa merece reparos, alguns dos quais ficaram feitos atrás.

**R. Barradas**



No primeiro assalto, Larsen e Martins observam-se a distância mas a atitude de Guilherme, já agressiva, mostra quem tomou ascendente no período inicial

---

cessivamente, passado por todo o pelotão que o perseguia.

Alfredo Silveira, cuja arrancada final foi dominadora, terminou perto do vencedor, a dois quintos de segundo apenas, seguido pelo conimbricense Diamantino França, Alvarez, Soares Campos e Albertino de Almeida.

A vitória do sportinguista Manuel Dias foi surpresa para muita gente, pois não o julgavam capaz de impor a sua classe em distância tão curta.

Durante os anos que se seguiram, a distância voltou a cair no domínio exclusivo dos juniores e foi um corredor desta categoria, o belenense Manuel Nogueira, quem, nos Nacionais de 1936, bateu o recorde de Alvarez, em 2 m. 44,8 s., tempo igualado na época seguinte por um principiante, Francisco Bastos.

Um mês depois, no torneio da Taça José Gamel, Nogueira, já sénior, reconquistou o recorde, atingindo 2 m. 41,1 s. e Aníbal Rodrigues, segundo classificado, 2 m. 41,7 s.

A época, porém, ia propícia aos corredores da distância, pois numa prova especial disputada no Porto, em Outubro, João Ferraria, do Académico, desceu de novo a marca para 2 m. 40,6 s.

A partir de então, a distância voltou a figurar em programas de torneios particulares, concurso de «Os Sports» em 1938, certames em Almada em 1938 e 1939 e nos campeonatos da F. N. A. T.; de assinalar apenas a luta de Francisco Bastos pelo recorde; 2 m. 41,3 s. em 1938, 2 m. 41 s. em 1939 e finalmente êxito em 1940, com 2 m. 38,6 s., 2 m. 38 s. em 1941 e 1942 e 2 m. 37 7 s. em 1945, actual marca portuguesa, que está ainda muito aquém dos seus recursos.

A escassez de competição na distância reflecte-se no valor das melhores marcas; apenas oito corredores conseguiram tempos cotados em mais de 700 pontos finlandeses. São eles: Francisco Bastos (Sp.) 2 m. 37,7 s. em 26-8-45; João da Silva Ferraria (Ac.), em 3-10-37, e José Vicente (Sp.), em 23-9-45, 2 m. 40,6 s.; António Madeira Calado (Sp.), em 6-7-41 e Manuel Pires de Almeida (Bf.), 2 m. 41 s.; Manuel Nogueira (Bel.), 2 m. 41,1 s. em 8-8-37; Jorge Azevedo (Sp.), 2 m. 41,5 s. em 23-8-42, e Aníbal Rodrigues (Sp.), 2 m. 41,7 s. em 8-8-37.

**Salazar Carreira**

# PERFIS FEMININOS

# MARIA de LOURDES

## Gentil atleta do BENFICA e do CAMPO de OURIQUE

O desporto feminino, que infelizmente não atingiu ainda entre nós um grande desenvolvimento, sem sabermos bem porquê, visto estar provado que, em determinadas modalidades ele não masculiniza o «sexo fraco» nem o ridiculariza, pelo contrário o eleva e o nobilita, conta no entanto no seu seio com um grupo de raparigas que em pugnas desportivas diversas têm marcado lugares de relêvo, emprestando-lhes não só o seu entusiasmo como também a sua elegância e gentilesa.

Na natação, no hipismo, no ténis, nos desportos atléticos e no tiro surgem, de quando em quando, alegres sorrisos femininos que dão inconparável brilho a determinadas provas e impoem uma nota de graciosidade digna de destaque.

Nesta última modalidade — o tiro — têm surgido algumas raparigas, não muitas é certo, mas possuidoras de extraordinárias qualidades e, entre estas, Maria de Lourdes Gomes da Silva — vinte anos alegres e despreocupados — possuidora de um «palmarès» onde não faltam prémios, medalhas ou palmas de cobre e de prata, taças e trofeus.

Valor positivo do tiro nacional, Maria de Lourdes, atiradora do Benfica e do Campo de Ourique, tem conseguido um conjunto de classificações muito curiosas que bem nos revelam as suas qualidades. É justo destacarem-se as que lhe deram o 1.º lugar na categoria «senhoras» da prova de tiro reduzido denominada «Outono», efectuada em Novembro de 1943, — com 97 pontos num máximo de 100 em 7 minutos e 8 segundos; — igual prémio na prova «Direcção da Academia Filarmónica Verdi», em 1943, e na prova «Pascoa» levada a efeito no ano seguinte no S. L. B..

Quisemos ouvi-la. E' sempre curioso escutar os pensamentos e as afirmações das raparigas que servem o desporto com entusiasmo e o sabem servir dignamente. Conhecíamos já uma atitude sua que nos revelou o seu espírito de abnegação em benefício do clube que então representava e, ferindo talvez a sua modéstia, atiramos-lhe, de chofre, a primeira pregunta.

— E' verdade, Maria de Lourdes, que em 1944 concorreu a uma prova realizada no Campo de Ourique em que seria a 1.ª classificada na categoria «senhoras», conquistando uma taça de prata pela segunda vez, mas que preferiu concorrer na equipa do clube para que êste não ficasse colectivamente mal classificado?

Maria de Lourdes não esperava a pregunta. Vacilou um pouco, talvez por modéstia, talvez para não pôr em relêvo o seu espírito de sacrifício e de amor ao clube, limitando-se a dizer-nos:

— Sim, é verdade. Preferi auxiliar a equipa do meu clube sacrificando a obtenção de uma vitória individual que tanto gostaria de conseguir porque era a segunda consecutiva. Eu ganharia, é certo, na categoria «senhoras», mas preferi dar o meu concurso á equipa mista para que com a minha pontuação, a ajudasse a obter boa classificação. Coube-lhe felizmente o 1.º lugar. Fiquei satisfeita e não me lembrei mais da taça.

— Quais os clubes que tem representado?

— O Sport Lisboa e Benfica e o Clube Atlético de Campo de Ourique. Sou sócia dos dois, quero-lhes igualmente.

— Gosta de atirar, não é verdade?

— Imenso. Já atiro há 10 anos e isto poderá indicar-lhe bem o meu entusiasmo.

— Porque escolheu o tiro para seu desporto preferido?

— Sei lá — diz-nos com um sorriso. Talvez por meu pai, também atirador, me ter encaminhado. Comecei quase a brincar, tinha apenas 10 anos.

Maria de Lourdes é uma rapariga franca e despida de vaidade. Inquirimos quais os desportos que tem praticado. A resposta não se fez esperar. A nossa gentil entrevistada pratica tenis de mesa e ciclismo mas ambas as modalidades sem espírito de competição. Só o tiro a tenta e a entusiasma.

— Que prova a entusiasmou mais e qual a que lhe deixou peor recordação?

— A que mais me agradou foi aquela em que conquistei a taça «Outono», se bem que também não esqueço a prova «Pascoa» disputada no Benfica na qual a luta foi tão equilibrada que consegui ganhar apenas por uma «mouche». Quanto á mais desagradável foi a prova «Manuel Castelo Branco» na qual por excesso de nervos, a minha classificação não correspondeu ao que esperava e ao que queria, tanto mais que representava oficialmente o S. L. B. pela primeira vez.

— Alguma vez se arrependeu de ter feito desporto?

— Nunca tive motivos para isso. O público e os próprios adversários têm correspondido àquilo que sempre esperei, tanto em incitamentos como em correcção.

— Qual a sua opinião sobre a mulher no desporto?

— A melhor. Lamento apenas que o número de atiradoras seja reduzido. O desporto, quando bem orientado é uma boa escola moral, que em nada prejudica a mulher.

Fazemos a última pregunta:

— Tenciona continuar a atirar?

— Sim; enquanto a vista e o braço — factores indispensáveis — me forem ajudando.

Maria de Lourdes estende-nos amàvelmente a mão. A entrevista findara, porque eram horas do seu treino. Vimo-la partir tranquila. De facto só com absoluta tranquilidade de espírito se acerta no alvo e a nossa entrevistada vai continuar a atirar! Há que contar com os seus resultados futuros.

**Antas Teixeira**

*O nosso chefe da redacção, na sua qualidade de seleccionador nacional, foi homenageado pelos seus camaradas de todas as secções do «Diário de Lisboa» com um banquete que decorreu no meio do maior entusiasmo. Nestas duas fotografias vêem-se Tavares da Silva e o sr. dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diário de Lisboa» discursando*

# Vendo os argentinos no Estádio Nacional

O Estádio Nacional levou mais tempo a encher que no domingo anterior. Mas encheu-se. Muita gente receou chuva, que na véspera caíra abundantemente, e que ameaçava fazer uma «visita» ao Jamor. E a recordação do Portugal-Suíça estava ainda viva...

As senhoras não compareceram em tão grande número como no jogo com os espanhóis. Foram os que mais temeram a chuva!...

♦

A entrada em campo da equipa argentina causou sensação. Os jogadores conduziam as bandeiras dos dois países — Argentina e Portugal — e com elas abertas deram uma volta ao campo, saudando a assistência, que lhes respondeu com simpatia.

♦

Os portugueses apareceram todos de branco. Pareciam uns... pombinhos!

Se não fosse irreverência, diríamos que no decorrer do jogo, chegaram a parecer — uns anjinhos!...

♦

Os argentinos não usam a saudação olímpica. Ficaram, por isso, muito surpreendidos com o gesto olímpico dos portugueses e limitaram-se a um «viva» acenando com os braços — cada um para seu lado!...

♦

Os sul-americanos não utilizam caneleiras nem outros apetrechos. As botas são diferentes das que usam os europeus. Mais flexíveis, permitindo-lhes fazer com a bola «coisas» simplesmente maravilhosas.

♦

O futebol argentino patenteou, aos olhos deslumbrados dos portugueses, a sua extraordinária classe.

E, no entanto, na equipa de S. Lorenzo de Almagro estavam apenas dois internacionais: Martino e Pontoni, que no último campeonato sul-americano foram suplentes ao «team» nacional...

♦

Martino e Pontoni maravilharam o público. Pois, na Argentina, há melhor. Labruna e Pederneva suplantam qualquer deles! Devem ser jogadores extraordinários.

♦

No último sul-americano, o jogo Argentina-Brasil era decisivo. Cada país chamou os seus melhores elementos.

Repare-se na formação da equipa argentina: Varea, Salomon e Sobrero; Fonda, Strembel e Percia; De La Mata, Mendez, Pederneva, Labruna e Lostan.

Um só jogador do Almagro. Mas esse não esteve no nosso Estádio Nacional...

♦

Os argentinos deram uma lição de futebol. Tudo neles é perfeito, esquisitamente perfeito. Domínio de bola assombroso. «Fintas» desconcertantes, entontecedoras. Desmarcações primorosas, contra as quais os sistemas são falíveis... Pontapés secos, sempre direitos. Bola a rasar o terreno. Passes primorosos.

Numa palavra: futebol-arte.

♦

Ao intervalo alguns argentinos ficaram no campo a «brincar» com a bola. Fizeram, então, coisas espantosas, de artistas, de «malabaristas» autênticos. Alguns repetiram-nas no próprio jogo.

Não nos admira que os espanhóis manifestassem o seu agrado com os seus típicos «olés»!...

♦

A bola, impelida suavemente por eles, traçava no rectângulo verde do Estádio Nacional figuras geométricas de grande beleza. Os argentinos, rápidos sem correrem muito, faziam tudo isso com com o mesmo á vontade como se estivessem numa sala... a jogar o bilhar!

Um Couto ou um Ferraz, campeões de fantasia livre, não fariam melhor com as bolas do bilhar...

♦

Aquela perfeição dos sul-americanos não se adquire de repente. Vem com o tempo. E sendo, talvez, consequência de uma tendência nata, é também o produto de muito trabalho, de treino aturado, só possível, porém, com um profissionalismo completo — que, aliás, o meio argentino suporta...

♦

Que qualquer jogador de outra nacionalidade pode atingir a perfeição dos argentinos, prova-o Zubieta, um espanhol de origem e ainda há poucos anos jogador do Atlético de Bilbau.

No S. Lorenzo de Almagro, Zubieta é o capitão — e um dos melhores elementos.

♦

A Argentina tem-nos mandado boa carne, excelente manteiga, óptimas gorduras.

Mandou-nos, agora, magníficos jogadores...

♦

Os portugueses fizeram o que puderam. Mas caíram na tentação de imitar os argentinos — e isso os perdeu.

Sempre que praticaram o seu jogo, largo, veloz, decidido, os *nossos* causaram perturbações à defesa argentina. Prova-o: quatro «goals», que não foram de favor, algumas ocasiões perdidas, um remate de Travassos à trave...

♦

Devia ter-se poupado a selecção nacional a este duelo desigual. Sim, porque o grupo «B. S. B.», substituído Araújo por Arsénio, era a equipa de Portugal.

E os argentinos, sentiu-se, tinham particular interesse em ganhar bem. Por isso se abraçaram quando dos primeiros «goals». Depois, deixaram-se disso...

Compreendeu-se bem as duas coisas!

♦

Na equipa portuguesa houve um jogador que se equiparou aos argentinos: Rogério.

Se estivesse no grupo do Almagro, o benfiquista teria tido uma tarde assombrosa. Outro exemplo de que os argentinos podem ser imitados.

♦

Grecco é um dos grandes jogadores do S. Lorenzo. Peyroteo e os companheiros viram-se «gregos» com eles...

♦

Foram-se embora os argentinos. Ficaram cá os treinadores e os jogadores a quem eles deram preciosa lição.

E ao lembraremo-nos do S. Lorenzo, em vez de tangos do Gardel cantemos como o Zé Fernandes do «G. L.»:

Trabalhemos com vontade...

♦

Entre os europeus e os sul-americanos parece-nos haver um abismo que o W M não tapa.

Os argentinos também praticam o «sistema». Mas a sua execução individual é toda conduzida no sentido do ataque. Há neles imaginação, improvisação, arte.

**M. M.**

# A grande competição do futebol português

*(Continuação da página 9)*

A partida que se efectuou no Estádio do Lima entre portuenses e algarvios não só foi muito agradável, como dela se podem extrair momentos supremos do jogo. No primeiro tempo, a toada foi de manifesto equilíbrio. Os algarvios marcaram em primeiro lugar, e tiveram de consentir no empate; voltaram a marcar e a *igualdade* renasceu. Para atingirem o intervalo com 2-2, os algarvios esforçaram-se ao máximo, e quando apareceram no campo, no segundo tempo, já não era, por assim dizer, a mesma equipa do começo...

O Porto subiu, então, a grande altura, efectuando lances primorosos de ataque e nunca abandonando a ofensiva. Os remates, certeiros, sucediam-se, cada qual mais potente. O desfecho impressionante de 10-2 é, além de tudo, exacto.

*Porto* — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Sanfins, Gomes da Costa e Catolino.

*Olhanense* — Abraão, Rodrigues, Loulé, João dos Santos, Grazina, Acácio, Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Eminêncio.

*Arbitro* — Abel Ferreira, de Lisboa.

## Vitória da Académica à tangente

A Académica gosta de medir forças com os mais fortes (que o digam o Belenenses e o Porto!). Parece que a dificuldade da luta a faz vibrar e crescer, aguçando o apetite dos seus componentes. Já contra *teams* de menos categoria, não produz os mesmos frutos...

Por exemplo, no seu último desafio, contra o Elvas, chegou ao intervalo com 2-0, e a 6 minutos da segunda parte já tinha três bolas de vantagem, argumentos mais do que suficientes para decidirem o pleito mais intricado.

E' certo que os estudantes não estavam em maré alta de jogo, mas fizeram o necessário para comandarem a partida. Talvez tranquilizados pelos 3-0, não tivessem dado pela subida do adversário, sempre ameaçador... Fosse como fosse, este chegou à marca do empate de 3-3, e quando as coisas decorrem assim, o que empata costuma vencer. Desta vez, a regra sofreu um corte, pois os estudantes ainda conquistaram mais um ponto, e com ele a alegria do triunfo.

*Académica* — Szabo, Diogo, Mário Reis, Eduardo Santos, Lomba, Brás, Melo, Azevedo, Jorge Santos, Leite e Bentes.

*Elvas* — Semedo, Rana, Oliveira, Rebelo, Neves, Toninho, Virgílio, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

*Arbitro* — João dos Santos Júnior, de Lisboa.

**Tavares da Silva**

## «A Bola»

Completou mais um ano de existência o jornal «A Bola», que tem marcado e desempenhado no meio desportivo uma acção de invulgar relevo. E', sem dúvida, um órgão que honra a imprensa da especialidade, em todos os sentidos, no aspecto e na colaboração. Daqui lhe enviamos cordiais felicitações.

Ano V — II Série — N.º 218
Lisboa, 5 de Fevereiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19,-3.º
Telefone, 45903 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

# As derrotas do Leixões e do Salgueiros

## e a expressiva vitória do Unidos de Montijo sobre o Operário

## assinalaram os resultados da última jornada

Os resultados da jornada de domingo:

**Grupo A** — *1.ª série:* — Sport Vila Real-Celoricense, 8-1; Sporting de Lamego-Mirandela, 0-2; Flávia-Flaviense, 3-3

*2.ª série:* — Ramaldense-Vianense, 2-3; Paredes-Monção, (a); Leixões-Leça, 2-3.

*3.ª série:* — Oliveira do Douro-Avintes, 2-1; Aves-Sporting de Fafe, 1-4; Gaia-Salgueiros, 3-1.

*4.ª série:* — Sporting de Braga-Gil Vicente, 5-1; Candal-Académico, 0-3; Infesta-Ermezinde, 2-2.

**Grupo B** — *5.ª série:* — Ovarense-Beira Mar, 1-2; Coimbricense-Sp. de Espinho, 2-1; Académico de Viseu-S. L. Viseu, 2-1.

*6.ª série:* — Marialvai-Anadia, 2-2; Naval-Lamas, 4-2; União de Coimbra-Oliveirense, 3-1.

*7.ª série:* — Ferroviários-«Os Leões», 8-0; União Operária-Marinhense, 0-3; Alcobaça-Oriental, 2-3.

*8.ª série:* — Bombarralense-Nazarenos, 3-1; Alhandra-Sacavenense, (a); Operária Vilafranquense-Matrena, 5-1.

**Grupo C** — *9.ª série:* — Peniche-Torriense, 0-2; Casa Pia-Rossiense, (a).

*10.ª série:* — Amora-F. Benfica, (a); Onze Unidos-Operário, 12-0.

*11.ª série:* — Ginásio do Sul-Almada, 1-6; Cal de Lisboa-Arroios, 5-1.

*12.ª série:* — Barreirense-União Sport, 10-1; Lusitano de Evora-Palmelense, 1-6; Luso-Alcegalense, 5-1.

**Grupo D** — *13.ª série:* — Covilhanense-Sporting da Covilhã, 1-3; Egitaniense-S. L. Castelo Branco, 0-7.

*14.ª série:* — Campomaiorense-Sporting Elvense, 0-2.

*15.ª série:* — Piense-Moura, 1-0; Cal do Barreiro-Reguengos, 10-2; Luso de Beja-União de Beja, 2-1.

*16.ª série:* — Portimonense-Boa Esperança, 3-1.

(a) Adiados, devido ao mau tempo.

A visita dos argentinos, dessa bela equipa que impressionou no Porto e em Lisboa, não interrompeu a marcha do campeonato nacional da 2.ª Divisão. Realizaram-se por isso os jogos marcados no calendário, e alguns deles deram-nos resultados de certo modo dignos de comentário. No Porto, por exemplo, o Salgueiros perdeu novamente, agora com o F. C. de Gaia, cuja categoria na 2.ª Divisão regional não é vista pela mesma rama dos restantes companheiros.

A verdade, porém, é que o grupo encarnado, que já pertenceu à 1.ª Divisão Nacional, depois de vencido em S. Miguel das Aves, veio a perder no terreno dos gaienses — dando provas de mau apetrechamento para a prova.

Outro resultado que surpreende, no Porto: — a vitória do Leça sobre o Leixões, no próprio campo do clube de Matozinhos. O último classificado do campeonato portuense tem certo jeito para desfeitear o seu rival e vizinho, e daí o não causar a sua vitória «surpresa total».

No resto da zona nortenha — tudo mais ou menos normal. Os transmontanos de Vila Real comandam com superioridade a sua série; o Vianense e o Sporting de Fafe, como os bracarenses, são candidatos nos seus departamentos; e no grupo B, os aveirenses ganharam no campo de Ovar, enquanto o Espinho se deixou bater em Coimbra pelo Sport. Isto quererá dizer que a posição do Beira-Mar é por certo mais firme, se considerarmos os grupos de Viseu adversários menos capazes. Nesta cidade beirã, o jogo «da casa» foi concluído com a vitória do Académico.

Na zona central, o União de Coimbra, campeão do seu distrito, continua esperançado. Venceu agora o Oliveirense, ex-divisionário de honra, e é muito natural que se classifique o mais honrosamente possível. Merece uma referência o empate dos «Marialvas» de Cantanhede, grupo da 2.ª Divisão da A. F. de Coimbra, contra o Anadia, já conhecedor de provas desta natureza.

Dos agrupamentos de Lisboa, o Operário sofreu copiosa derrota do Unidos do Montijo. A actuação dos antigos rapazes de S. Vicente não está a corresponder ao seu valor do campeonato de Lisboa, mas o resultado de domingo findo deve ter excedido as possibilidades do próprio vencedor. Ou talvez não...

Boa a marcha do Grupo Desportivo da «Cal» e do Almada. Do Oriental, pode dizer-se a mesma coisa, embora ganhasse pouco expressivamente ao Alcobaça. Pouco «expressivamente» porque derrotou há pouco o F. C. do Porto por margem mais elevada...

O Barreirense, no distrito de Setúbal, está bem acompanhado pela «Cal» do seu concelho; o Luso, embora se exiba com altos e baixos — ou domingo sim, domingo não, venceu por bom resultado o Aldegalense. Na Beira Baixa advinha-se a boa classificação do Sporting da Covilhã, e no extremo sul regista-se a vitória do Portimonense sobre o Boa Esperança.

Se exceptuarmos, porém, as surpresas do norte e uma ou outra vitória mais folgada — teremos de admitir certa normalidade nos resultados desta jornada.

JUNIORES DA A. F. L.

# A 10.ª JORNADA

Da decima jornada do 11.º Campeonato de juniores da A. F. L. pode dizer-se que foi... mais uma jornada.

Pràticamente, dos nove encontros que ela comportava, nenhum oferecia interesse especial para a sequência da prova. Além de que existindo já a opinião mais ou menos arreigada quanto ás equipas que virão a ter acesso na fase final do campeonato, as lutas não se apresentavam de difícil prognóstico quanto ao vencedor.

A recordação dos resultados dos encontros da primeira volta e as posições que os clubes ocupavam nas tabelas da classificação facilitavam a previsão dos vencedores. E assim aconteceu.

A jornada foi, positivamente, de confirmação de valores. Confrontando os resultados de há sete semanas, constata-se que oito dos vencedores de então voltaram a sê-lo no ultimo domingo. E o único empate da terceira jornada transformou-se, agora, num triunfo pela diferença mínima.

Pertenceu a uma equipa de 1.ª série — o Futebol Benfica — o resultado mais volumoso da jornada. A «vítima» foi o Sintrense, mas a diferença de seis golos consideramo-la exagerada para definir as possibilidades dos dois grupos, julgando-a mais consequência de manhã pouco afortunada da defesa dos sintrenses do que real melhoria dos avançados benfiquistas.

O Palmense recebeu a visita do Terujense e repetiu o resultado da 1.ª volta: 3-0. O vencido resistiu melhor do que esperávamos.

Na 2.ª série, a equipa A do Benfica não logrou diferença favorável de tentos, a condizer com o domínio acentuado que impôs. O facto deve atribuir-se ao excelente comportamento do guarda-redes do Desportivo Operário. Marques deve ser dos melhores juniores naquele posto.

O Arroios voltou a bater o Operário por um golo de diferença. Ao 1-0 sucedeu 3-2. Este resultado deixa transparecer maior dose de animação... porque os tentos agradam sempre a toda a gente... menos aos que os sofrem.

Na 3.ª série, desanuviou-se um pouco o horizonte quanto ao vencedor da série. A cotação do Oriental B subiu, mais por ajuda do Benfica B do que por mérito proprio. Realmente, mesmo vencendo o C. P. (5-1), os «orientais» não teriam firmado tão claramente as suas possibilidades se o Secavenense não tivesse derrotado o Benfica B.

Os «encarnados» consentiram a primeira derrota, deixando os secavenenses confirmarem a impressão de que em casa são muito mais difíceis.

O C. U. F. ganhou indiscutivelmente ao Mirantense.

Na 4.ª série, o Belenenses B, defrontando o clube que se apresta para ser segundo na classificação da série, prosseguiu na sua carreira vitoriosa. Por coincidência, o resultado (3-1) foi igual ao da 1.ª volta.

E, finalmente, o Cascalheira, de abalada até à Costa do Sol, só dificilmente conseguiu desembaraçar-se da equipa B do Estoril... porque o seu ataque não foi tão realizador como habitualmente.

**Diamantino Dias**

# Os mestres do futebol argentino venceram em Portugal

*(Continuação da página 3)*

A par do futebol malabarista que dá o fenómeno do domínio invulgar da bola e da precisão da passagem, os argentinos utilizam com perfeição invulgar o passe atrasado, no desenvolvimento dos ataques, descongestionando a formação adversária. Isto significa que eles conhecem todos os segredos do jogo de posição, e bem sabem que semelhante estratégia desbarata a marcação, quando certeiramente aplicada: é uma forma hábil de chamar os jogadores da defesa à frente, abrindo caminho.

Na verdade, a organização do Misto nos sectores defensivos desapareceu para dar lugar à indecisão e falta de entendimento. Regra geral, por efeito dessa falha de ligação, um português teve de lutar geralmente com duas unidades. E se a luta homem por homem, já era difícil, que dizer de semelhante estado de coisas... Amaro foi aquele que, no meio do desconcerto, ainda teve lampejos, ordenando muitos lances.

A linha da frente portuguesa não alcançou o seu melhor; muito longe da medida contra a Espanha. Mas conseguiu desenvolver, assim mesmo, vários esquemas incisivos, e de efeito, que algumas vezes bateram, *sur place*, o inimigo. Rogério, o de melhores pés, destacou-se principalmente pela qualidade que os argentinos evidenciaram em larga escala. Jesus Correia, muito activo, fez correr perigo ao adversário, e deu no eixo do ataque um pouco de mais fulgor à linha. Travassos mostrou verdadeira classe, e Arsénio procurou integrar-se no quadro dos esquemas. Peyroteo pouco desembaraçado.

Das três arbitragens que Wiltshire realizou em Portugal, a última foi a pior indiscutivelmente. Dir-se-ia que o futebol «sãolourenço» tambem o desnorteou, deixando passar em claro vários *ofsides*, e o que é pior, deslocações de que resultaram tentos, e outras faltas de certa importância. Pela sua *maneira*, os «almagros» põem-se muitas vezes adiantados, e mal vai quando o árbitro está mal da vista. O futebol português foi batido! Mas o dirigente «sãolourenço» não teve dúvidas em nos afirmar, na noite do encontro, que o nosso jogo chegara a uma fase de bom nível e que uma exibição dos portugueses na Argentina seria vista com o melhor agrado. Sempre é uma consolação!

**T. S.**

*Sanfins, de cabeça, marcará um «goal» da sua equipa. Abrado está em mà posição para defender*

# O PORTO derrotou o OLHANENSE por 10-2

*Sanfins, que jogou a avançado centro, cumpriu bem a sua obrigação. Eis como luta contra João Santos*

*Defesa enérgica dos Olhanenses. Sanfins procura embaraçar os movimentos do adversário*

## OS ESTUDANTES GANHARAM PELA TANGENTE

*A bola, devolvida por Semedo, vai ao avançado centro escolar, que fica só frente à baliza*

*Os jogadores juntam-se junto das balizas de Semedo, que está pronto a parar o remate*